

# Olimpíada DE LÍNGUA PORTUGUESA

*Escrevendo o Futuro*

## Memórias

---

Iniciativa



Ministério  
da Educação



Coordenação  
Técnica



Parceria





Resultado da parceria entre o Ministério da Educação (MEC) e a Fundação Itaú Social (FIS), sob a coordenação técnica do Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (Cenpec), a Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro* foi fundamentada na metodologia, nas estratégias de atuação e na experiência das três edições do Programa Escrevendo o Futuro.

Com objetivo de colaborar para a melhoria do ensino da leitura e da escrita, o Programa Escrevendo o Futuro desenvolveu, de 2002 a 2007, ações de formação continuada para professores de quartas e quintas séries da rede pública, a fim de orientar a produção de textos dos alunos.

Em 2008, em sua primeira edição, a Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro* amplia a atuação do Programa Escrevendo o Futuro, passando a trabalhar também com professores e alunos das sétimas e oitavas séries do Ensino Fundamental (ou séries equivalentes do ciclo de nove anos) e com os segundos e terceiros anos do Ensino Médio.

A Olimpíada acredita ser possível fazer da escrita na escola algo forte e interessante, algo tão intenso que possibilite que alunos e professores pensem mundos transformados pela força da palavra escrita. A Olimpíada busca resgatar o prazer do texto com sentido, com alma e emoção.

Valorizando a interação das crianças e jovens com a realidade em que vivem, a Olimpíada adota o tema “O lugar onde vivo”. Assim, para escrever os textos, o aluno resgata histórias, estreita vínculos com a comunidade e aprofunda o conhecimento sobre o seu lugar. E isso contribui para o desenvolvimento de sua cidadania.

A Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro* vai além de um concurso: oferece propostas de formação dos educadores, seja nas orientações pedagógicas dos materiais oferecidos, seja na participação em encontros para reflexão sobre as práticas educativas, com objetivo de aprimorar o processo de escrita dos alunos. Desse modo, pretende contribuir para uma prática pedagógica de melhor qualidade.

Memórias

A series of white horizontal lines on a blue background, forming a writing area. The lines are evenly spaced and extend across the width of the page, starting from the top left and ending at the bottom right.

Ao participar da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*, professores e alunos marcaram um encontro com a delicadeza. Conversaram com pessoas mais velhas da comunidade e ajudaram-nas a recordar cenas e experiências esquecidas em algum lugar da memória. Visitaram o passado por meio de palavras, gestos e sentimento, e conheceram sons, cheiros e cores que marcam a história do lugar onde vivem.

Ao partilhar essa experiência com outras gerações, os estudantes fortaleceram sentimentos de pertença e assumiram o compromisso de tornar públicas essas histórias e seus personagens.

É com alegria que apresentamos as memórias de brasileiros dos quatro cantos do país.

Parabéns a todos que valorizam o passado e se engajam no compromisso de escrever o futuro!

Anna Helena Altenfelder

Regina Andrade Clara

# Índice

9	Quem viu o Mateus que balance, que dance, que encante
11	Alenquere e minha divertida juventude
13	Pirão de pedra
14	Infância vivida em meio à guerra
16	Lembrança de Sucuriú
18	Lá onde o vento faz a curva
20	Só lembranças...
22	Lembranças
24	O terror da guerra
26	Outros tempos
28	Ipuã tem memória
30	Como as nuvens de algodão, as lembranças vêm e vão
32	Histórias nas noites de luar
34	Praça do engraxate
36	Paraíso transformado
37	Da casa de chão da vovó à modernidade
38	Ontem, hoje e sempre
40	A mais bela infância...
42	O El Dourado roraimense
43	Memórias de quem não esteve lá
45	Simple, mas minha!
47	É bom recordar...
49	Antes que tudo se apague...
51	Sabor de algodão-doce
53	Minhas lembranças... Minha vida
55	Quanta poeira
57	Praça: um ninho de alegria
58	Reencontro com Boa Esperança e o mundo à sua volta
60	Dos sabugos de milho às bonecas de plástico
61	Os músicos do entardecer
63	No remanso da maré

65	Marcas de uma mudança
67	Metamorfose urbana
69	Um sonho de menina
71	Entre recordações da minha terra
73	Família Parreiras
74	As águas que construíram história
76	A folha do pé de juá
78	De lá pra cá
80	Minha história... Minha vida
82	As coisas mudam!
84	Um mundo dentro de mim: reflexos de uma memória
86	Contos que reconto
88	O longo tapete de ferro
90	Lavras de tesouros da infância
92	A mirabolante roda-gigante
94	Do distrito à capital
96	Uma história cheia de vida
98	Mato, barro e avião





## *Quem viu o Mateus que balance, que dance, que encante*

Aluna: Evelyn de Almeida Santos

“O reisado é uma coisa muito bonita de ver... E de dançar! A gente tem o maior prazer de brincar, a gente esquece o mundo, as amarguras da vida. Quando ouço o Mateus, figura do reisado, gritar, o meu coração explode... Sinto uma descarga e o corpo começa a balançar.

A cabeça também balança. Se é para contar, falar um pouco do meu lugar, deixe eu me sentar.”

Direta, franca, engraçada, com um jeito solto, especial, uma risadinha aqui, uma gargalhada acolá, que a brincante do reisado de São José da Caatinga, dona Marilene Moura, 68 anos, mergulha nas suas memórias.

“Antigamente tudo isso aqui era só caatinga, areia alvinha... Casas de palha e taipa. Poucas eram de tijolos. Não tinha energia, nem água encanada. A gente ia pegar água no poço, onde hoje é a Fonte da Juventude. Agora, não! Hoje é só abrir a torneira que a água cai como cachoeira.

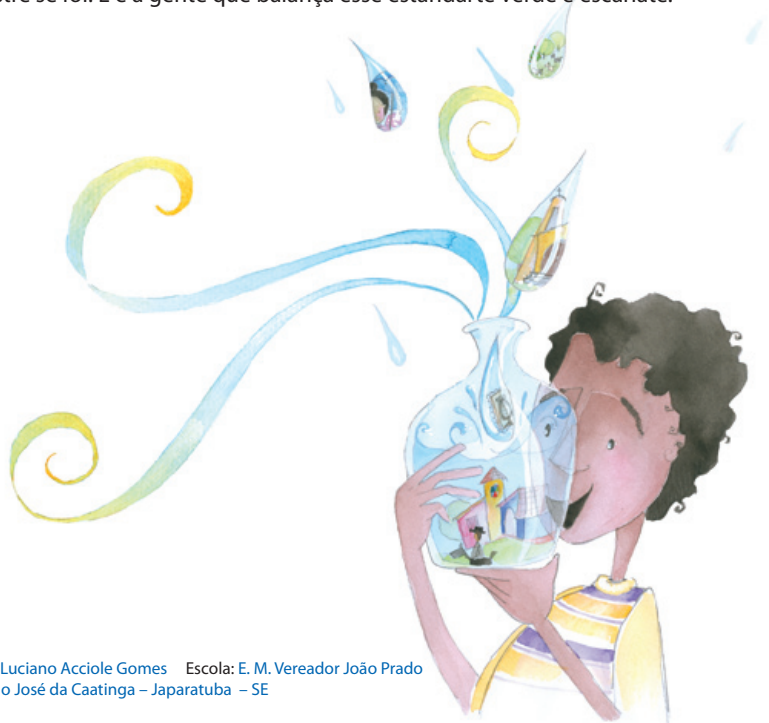
As ruas eram de barro. Muito mato e muita areia. Mato misturado com areia, misturado com as casas. Mato, areia, casas eram um quadro só, um quadro com as cores da pobreza. Comer carne, arroz! Só dia de domingo, e olhe lá! A gente comia era candunda (espécie de peixe pequeno), barbudo (camarão pequeno) e os peixes que a mamãe pescava – era isso com farinha. As panelas eram de barro, frigideiras também. Eu lavava os pratos numa agdã – tipo de bacia de barro – com água que pegava do poço.

Sabonete, xampu, creme dental, essas coisas eram caras na época. Lá em casa não tinha, o banho era com água e sabão de lavar roupa. No cabelo se passava vaselina, brilhantina. Sabe o que é isso? É um tipo de pasta, uma banha, como se fosse cera de polir carro. Ela deixava os cabelos umedecidos, como um tapete bom de alisar.

Coisa era pra dormir. Dormiam duas ou três pessoas na mesma cama. E eram bem rústicas, eram de cordas trançadas, chamávamos de cama de vento, de vara, com esteira por cima, que servia de colchão. Dormia com meu irmão numa cama só. Nossas roupas eram de chita (um tipo de tecido), usávamos também umas anáguas, o calçado era tamanco, feito de madeira com tira de napa. Agora nossa vida é outra. Tudo mudou, e a chita, só quando vamos brincar reisado.

O Natal era festejado nas ruas, tinha leilões, rodas-gigantes, carrossel, barcos. Tinha feirinhas e as frutas da caatinga: ‘cambucá’, ‘quaresma’, ‘canela de véio’. Havia também os doces mágicos de dona Zilina: amendoim torrado, dentro de barquinhos, casinhas confeitadas de crepom e laminado.

E após a missa lá vinha o mestre Juarez com seu reisado... O Mateus era o mestre e o mestre se foi. E é a gente que balança esse estandarte verde e escarlate.”



## *Alenquere, minha divertida juventude*

Aluna: Adriele Chagas Farias

“No meu tempo de criança, quando eu tinha tempo para brincar, me soltava no meio dos grandões para jogar bola, empinar papagaio, brincar de peteca, com a famosa bolinha de gude, e brincar de mãe pirenta. Sabe o que é isso? Mãe pirenta é o famoso manja se esconde. Vocês devem lembrar que é aquela brincadeira que começa com o par ou ímpar, a gente escolhe um brincante para contar enquanto os outros se escondem, até o mais esperto bater onde o outro estava contando. Essa brincadeira é muito conhecida nessa região, principalmente naquela época, quando não tínhamos energia elétrica e só a luz da lua tornava a brincadeira ainda mais emocionante.

Nesse tempo eu morava em Curumum, que é uma localidade afastada aqui de Alenquer, e naquele tempo só moravam lá algumas famílias criadoras de gado. Hoje o Curumum chega a ser a vila mais escolhida para as famílias passarem o fim de semana, pois lá existem vários sítios com igarapés, tem também um rio que as pessoas atravessam de bajara, que é uma canoa com motor atrás – rabeta –, e a grande quantidade de animais à beira dos lagos e fazendas fazem a paisagem ainda mais bonita.

Quando falo em arrumar tempo para brincar é porque eu trabalhava em dobro na roça, tanto que eu me lembro do terçado e do machado que eram ferramentas pesadas para o meu tamanho. Eu também gostava muito de andar a cavalo e entendia muito de gado.

Aqui em Alenquer tudo era bem diferente, principalmente as festividades dos santos, que eram as que eu mais freqüentava, já no tempo da minha juventude. O arraial de Santo Antônio – o padroeiro da cidade – e o de São Sebastião antigamente eram somente duas noites de festividade, a comida era de graça e os fiéis enfeitavam as ruas de madrugada. Era tudo mais respeitado e mais animado. Bons e velhos tempos!

Lembro-me também que nessas festas as pessoas sempre enfeitavam o mastro – um tronco de madeira cheio de folhagens e muitas frutas para simbolizar fartura e boa colheita. No topo desse mastro, enterrado no ponto mais alto da praça da igreja, era colocada uma bandeira, e todos tinham que ficar de olho, pois, se a bandeira caísse, a pessoa que a pegasse ficava responsável pelas festividades do santo no ano seguinte.

Agora é bem diferente. A cidade é bem movimentada, há muitas ruas asfaltadas, atendimento médico, mais escolas, agências bancárias, mas parece cidade sem lei, que por falta de transporte coletivo as motos mais parecem ônibus e todos andam sem capacetes. É o que ouço falar, pois fiquei cego há pouco tempo, mas, antes disso, as coisas já andavam assim. Hoje estou com 79 anos e, apesar da minha deficiência física e visual, não deixei de ser feliz. Sou morador do bairro de São Francisco, na travessa E, número 1.780, da cidade de Alenquer. Sou separado da minha esposa, mas mesmo assim agradeço a Deus a minha juventude alegre e divertida.”



Professora: Edileuza Luzia da Luz Vieira Escola: E. M. E. I. F. Ver. Joaquim Valente Cidade: Alenquer – PA

## Pirão de pedra

Aluna: Ana Rosa Pereira Teixeira

Nasci e me criei no sítio Queira Deus, onde a tranqüilidade reinava sempre. Desde que nasci, há 85 anos, esse local passou por muitas mudanças. O lugar era pacato, as casas, de taipas, localizadas bem distantes umas das outras, e não sabíamos nem mesmo o que era energia.

Atualmente, percebo as mudanças: casas de alvenaria, energia, muita fatura, transporte para as pessoas se deslocarem de um lugar para outro etc.

Na minha vida passei por muito sofrimento juntamente com meus pais. Nossa casa, por ser muito humilde, não oferecia nenhum conforto, e, como todas as outras, também era de taipa, coberta de vara e gravatá, e o piso era de terra batida. O local onde colocávamos os objetos era uma prateleira feita com varas presas na parede; a cama era uma esteira com que forrávamos o chão, as cobertas eram as saídas da minha mãe, o fogão era três pedras no chão conhecido como o fogo de trempe.

Lembro-me com tristeza do meu irmão mais velho, que enfrentava uma jornada de trabalho pesada e passava fome. Faleceu por cima da enxada, antes de completar 20 anos.

Éramos pobres, sem direito à escola e à infância saudável. Naquela época eu e meus irmãos brincávamos com carros de sabugo e cavalo de pau. A brincadeira não durou muito porque com 8 anos tive que trabalhar na roça com meus pais, naquele sol quente, com o cheiro da vegetação, e ainda hoje meu lápis continua sendo a enxada.

Vi muitas vezes o meu irmão mais velho saindo cedo para roça, sem nenhuma alimentação, chegava só à noite e muitas vezes comia o pirão de água com farinha, e freqüentemente minha mãe colocava uma pedra na água em que fazia a comida e dizia que era para dar sabor.

Hoje muita coisa mudou, vivo com minha esposa e meu filho. Da minha infância só sinto saudades dos meus pais e alguns irmãos, hoje já falecidos, porque o restante eu gostaria de apagar da memória.

*(Essa é a história de vida do sr. Manoel Felinto da Silva, que nasceu e vive no sítio Queira Deus, município de Alagoa Nova – PB.)*

Professora: Ana de Fátima Vieira da Silva    Escola: E. E. F. M. Desembargador Artur Virginio de Moura  
Cidade: Matinhas – PB

## *Infância vivida em meio à guerra*

Aluno: Gustavo França Maia

Se não me falha a memória, lá pelos idos de 1942, quando eu tinha quase 6 anos, vivia com meus pais e avós paternos numa cidade do interior chamada Paulistânia. Era um lugarzinho pacato e aconchegante, daqueles onde todo mundo conhece todo mundo, onde as manhãs têm cheiro de pão feito em casa e a vizinhança papeia na varanda ou nas ruas ao entardecer enquanto as crianças brincam de pega-pega, esconde-esconde, amarelinha.

Nossa casa era de tábuas, bastante humilde, antiga, mas muito bem organizada, com um jardim onde mamãe plantava tudo: rosas de todos os tons, dalias gigantes, beijinhos, cravos... Lembro-me de mamãe trocando sementes de flores com as vizinhas e, em especial, de beijinhos, de todas as cores, que invadiam as frentes das casas do quarteirão, espalhando vida e perfume que se misturavam ao cheiro de verde que vinha da mata, onde às vezes os homens da vizinhança iam para caçar algum animal para fazer um delicioso e animado churrasco; as mães “juntavam as panelas” e as crianças, a fome com a vontade de comer.

Mas essa paz viveu um período angustiante, a Segunda Guerra Mundial, espalhando medo e terror, destruindo famílias... Não me esqueço de quando o exército chegava para recrutar homens. Vinham naqueles caminhões movidos a gasogênio, e quando os moradores ouviam era um alvoroço. Os homens se escondiam em casa ou corriam a cavalo para a mata. Ninguém queria deixar a família por uma guerra que estava tão distante da realidade deles.

Depois que os caminhões iam embora, nossos pais se trancavam no quarto e choravam seus medos às escondidas para que não sofrêssemos a mesma angústia que eles.

Graças a Deus, novos horizontes se abriram para nossa família, papai tomou a decisão de se mudar. Lembro-me de que saíamos de casa com umas trouxinhas e algumas malas de papelão levando nossas esperanças nas costas. Fomos à estação ferroviária e embarcamos numa maria-fumaça que nos levou até Pereira Barreto, onde pegamos um trem que nos levaria ao nosso destino final. Eu olhava meu pai, sempre muito sério, sentia que os pensamentos dele iam rápido como a paisagem, sem saber ao certo para onde.

Enfim, chegamos a uma região pouco povoada. Ali papai arranhou emprego de tratorista e mamãe, de cozinheira, numa das fazendas da região, onde hoje é Nova Andradina.

Logo fiquei mocinho e cresci junto com a cidade. Vi as muitas serrarias surgirem, os armazéns de secos e molhados, a primeira escola – que hoje chamam de morcegão. Trabalhei também nessa construção; deixei parte de meu suor em cada pedacinho das primeiras ruas repletas de casas quase iguais.

Hoje olho as ruas asfaltadas, os prédios e as construções, o progresso se espalhando, e penso que só tenho a agradecer por ter vindo crescer aqui. Neste Estado, hoje Mato Grosso do Sul, tão rico em belezas e grandezas.

Naquele tempo em que viemos para cá, eu não percebi, mas hoje acredito que “aquele lugar” que ficou em minha memória foi um dos poucos lugares do mundo que teve paz durante a Segunda Guerra Mundial. Esse período marcou muito a minha infância, mas graças a Deus meus sonhos de menino puderam florescer nesse lugar que considero meu chão, meu lar – Nova Andradina.



## Lembrança de Sucuriú

Aluno: Marcone Reis Pedroso

Naquele tempo, Francisco Badaró era apenas povoado e se chamava Sucuriú. Dizem que ganhou esse nome porque, há muito tempo, quando foram procurar uma madeira para colocar numa bandeira de festa junina, encontraram um grande pau, grosso, já pintado. Ao observar, perceberam que era uma cobra sucuri. Outros dizem que é por causa do rio Sucuriú que corta a cidade. Ele é sinuoso como uma cobra.

Lembro-me de que a feira era realizada aos domingos na Praça Monsenhor Bernardino, ao lado da Casa Santa Luzia. A igreja da matriz já não é a mesma. Ela era muito diferente, tinha duas torres, e nas missas os homens ficavam separados das mulheres. As casas eram de adobe, barro amassado e comportado numa forma quadrada. Elas eram feias e mal construídas. A cidade não possuía água encanada, também não havia energia elétrica, mas com o tempo passou a ter luz no motor até a eletrificação chegar. Comia-se o que plantava e plantava-se na beira do rio. Colhiam-se arroz, feijão, milho, cana, algodão e hortaliças. Da cana faziam-se a rapadura, a garapa e o melado, e do algodão, o cobertor.

Naquela época, buscava-se água no rio Sucuriú para cozinhar, beber e tomar banho. Tudo num pote de barro. Limpava arroz no pilão – um pedaço de madeira com um buraco no centro – com a mão-de-pilão – pau usado para socar.

Nas margens do rio Sucuriú as pessoas procuravam ouro, usando uma bateia – instrumento no qual se lavava o cascalho.

A vida era muito tranqüila, andava-se a cavalo ou a pé, porque não existiam estradas, nem carros e motos. Tão diferente de hoje! As ruas da cidade não eram calçadas. Havia uma calçada larga das casas de um lado e do outro da rua e no meio era terra.

Antigamente, tudo era festejado. Os casamentos, os terços, os bailes, os noves – dança folclórica da região –, as brincadeiras de roda eram celebradas por adultos e crianças. Não é como agora, hoje as pessoas têm vergonha de seguir suas culturas.

O modo de se vestir era outro. As mulheres vestiam uma saia bem grande de algodão e uma camisa de manga comprida. Os homens vestiam uma calça comprida, um paletó e um chapéu na cabeça.



Os namoros eram tímidos. O rapaz, quando ia à casa da namorada visitá-la, não sentava perto dela e o pai não saía dali. Só quando o moço ia embora.

Quase não se ia à escola. Os filhos começavam a trabalhar cedo e nem podiam estudar. Aqueles que freqüentavam a escola sofriam muito, pois iam a pé e às vezes chegavam atrasados. A merenda não era boa. A professora castigava e batia com vara naqueles que desobedeciam. O ensino não era de boa qualidade.

A minha vida hoje é mais fácil do que antigamente, já sou aposentado. Sucuriú cresceu e hoje se chama Francisco Badaró, mas o rio não corre mais e as lavouras não produzem. Por mais sofrida que tenha sido a vida de antigamente, nunca esquecerei. Fico com saudade daquele tempo e às vezes me emociono. O que passou ficará na minha memória para sempre.

*Autor: Marcone Reis Pedroso*

*Nome do entrevistado: José Gonçalves Reis, nascido em 5/2/1932*

*Idade: 76 anos*

*Profissão: lavrador*

*Localidade: Cachoeira – Francisco Badaró/MG*

## Lá onde o vento faz a curva

Aluna: Caroline Souza de Freitas

Era uma manhã quente do mês de julho. Abri a janela do meu quarto, olhei as crianças que brincavam em frente a minha casa. No mesmo instante foi como se tivesse passado um filme na minha memória.

Lembrei-me de que no rio que cortava a cidade pessoas banhavam-se e lavavam roupas. Os barcos pequenos atracavam onde hoje se encontra a praça de táxi. Era tudo muito verde: os pastos, gramados e capoeiras. Tudo isso misturava-se com a cidade. Em meio ao verde refrescante lojas e edifícios aumentavam o calor deste lugar.

Naquele tempo as notícias eram a especialidade de Zezinho Caçote. Ele passava as 24 horas do dia com o rádio a pilha sintonizado na BBC de Londres, na Voz da América, e na Rádio Globo. E nada escapava aos ouvidos desse senhor que perambulava pelas ruas da cidade com o rádio apoiado no ombro. Além de dar as notícias do Brasil e do mundo, Zezinho se comprazia em encher o interlocutor de perguntas intrigantes: “Sabe o que é guerra fria?”, “Os russos ainda têm muitas ogivas nucleares?”. Mas, quando o negócio era a previsão do tempo, os moradores recorriam ao Deodato, o carregador de água, que dizia: “Amanhã vai chover”. E, se alguém no dia seguinte vinha cobrar a chuva que não caíra, ele não se dava por derrotado, respondia dizendo que de fato não chovera, mas com certeza o temporal havia atingido as cabeceiras dos rios.

Os meios de transporte mais utilizados eram o carro de boi, cavalos, canoas e as chatas – tipo de barco que transportavam as borrachas dos seringais para os centros de comercialização. Para se comprar carne no único mercado era uma luta, as pessoas tinham que chegar de madrugada e deixar uma cesta amarrada numa corda chamada “cobrinha” e torcer para ainda haver carne no momento de ser atendido.

Toda noite nos reuníamos e os mais velhos contavam histórias de assombrações, reis, rainhas e de fantasmas.

Antigamente, havia a brincadeira do bumba-meu-boi, ocasião em que as pessoas se divertiam e as crianças morriam de medo dos caretas, que eram os homens mascarados.

Naquela época, as festas eram a especialidade do Ibianez. Foi ele o introdutor da festa do boi-bumbá e da marejada em Cruzeiro do Sul. Negro, forte, atarracado, o Ibianez alegrava as famílias batendo de porta em porta com seus versos ritmados de marujo. Festa com ele só tinha hora pra começar.

Ah, como eu tenho saudade desse tempo! Esses acontecimentos eram propícios para encontros de amigos e namorados. Ali ninguém tinha maldade no coração, só queríamos nos divertir.

Antes da chegada da televisão, em meados da década de 1970, o dia-a-dia da minha cidade era mais interessante. E se falo da televisão é porque até a chegada desse aparelho os moradores compartilhavam nas janelas, praças e calçadas suas angústias, alegrias e conhecimento com muito mais intensidade.

De repente, o telefone tocou e voltei aos dias atuais. Lembrei-me de que estou no século XXI. Vejo ônibus, carros de luxo, internet, televisão colorida, previsão de tempo na TV, queimadas, rios secando, árvores tombando, o ar sujo, o vento sem frescor, a fome na periferia.

Também vejo um pouco de amor, solidariedade, homens que se respeitam e se ajudam.

Estou hoje com 51 anos e sempre me lembrarei da minha cidadezinha, que ficou “lá onde o vento faz a curva”, e contagia a todos, já que nem tudo está perdido.

*(Texto escrito com base na entrevista realizada com dona Edileuza Soares, 57 anos, moradora da cidade de Cruzeiro do Sul – Acre.)*

## Só lembranças...

Aluna: Silvânia Morais Cavalcante

Era um dia de sábado, estávamos eu e meu pai, José Carlos Alves Cavalcante, sentados no sofá da sala. Daí caiu uma forte chuva e de repente faltou energia. À luz de vela, meu pai começou a falar de sua infância, no antigo Grajaú, um pequeno sítio do município de Junqueira, interior de Alagoas.

No meu tempo de moleque arteiro, falou emocionado, eu me divertia muito. De manhã cedinho meu destino era a escola, se bem que dela nunca gostei muito. Às vezes saía de lá com os joelhos machucados de ficar ajoelhado nos grãos de milho. Chegando em casa, ia direto para a roça ajudar meus pais no trabalho pesado.

Apontava muitas traquinagens... Chupava escondido as melancias que meu avô plantava para vender na feira, enterrava as galinhas de minha mãe no chão até o pescoço e o melhor era quando chovia muito, pois se formavam poças de lama nos buracos da estrada, e lá naquela água barrenta que mais parecia um rio de chocolate é que eu gostava de brincar. As brincadeiras da época eram simples e divertidas: os meninos (quando não estavam na roça) brincavam de pega-pega e de esconde-esconde; as meninas, de casinha, passa-anel e de roda com belas e doces cantigas. Nós brincávamos muito, até uma mãe interromper a brincadeira, chamando seus filhos para tomar banho.

Quando chegava em casa, completamente sujo, corria para o banheiro ameaçado por uma vassoura. Como não tinha energia elétrica, à noite quem iluminava a casa era o bom e velho lampião; lá fora quem dava conta desse serviço eram a lua e as estrelas. Os mais velhos contavam história de trancoso e mistérios da vida. Ninguém se atrevia a sair de casa, quem ficava lá fora eram apenas os grilos, os animais de casa e as corujas que protegiam nossas casas com seus olhos estáticos como lente de filmadora.

Eu sempre dormia com a cabeça cheia de sonhos; em alguns eu podia viajar até o espaço, em outros eu podia conquistar um futuro melhor com a roça e em outros era apenas um menino que precisava de um pouco de descanso.

Ah, lugar pequeno! As emoções floravam, tinha poucas casas, então cada um vivia vigiando a vida do outro, mas era bom, muito bom...

Sinto muita saudade daquele lugar, daquele tempo, dos buracos da estrada em que eu podia brincar, das pessoas, da vida calma no interior... mas sei que posso voltar lá quando quiser, pois tudo isso sempre estará vivo em minhas lembranças!

E naquela noite chuvosa apagamos as velas. Meu pai me deu um beijo de boa-noite e fomos dormir. Antes de adormecer, fiquei a refletir sobre as lembranças de meu pai e o sentimento puro que há sempre quando se fala de seu passado.

*(Texto escrito por Silvânia Morais Cavalcante de 13 anos, com base na entrevista realizada com seu pai, José Carlos Alves Cavalcante, de 44 anos.)*



Professora: Lilian Cristina da Silva Escola: E. E. Padre Aurélio Góes Cidade: Junqueiro – AL

## Lembranças

Aluna: Ana Carolina Araújo Lima

Eu a vejo novamente sentada em um banco da praça São Sebastião. Ela está sozinha, como sempre, e falando novamente consigo mesma. Faz tempo que a observo sentada naquele mesmo banco, falando com um eu imaginário e interior. Depois de passados alguns dias de observação, finalmente decidi tomar coragem para lhe falar, porém muito mais tarde do que deveria. Mas já estou indo ao seu encontro.

Faz muito tempo que a dona Olinda nasceu. Foi na época dos bondes e carruagens. No tempo em que as mulheres de Manaus usavam vestido rodado e o casamento era para sempre.

Ainda não sei por quê. Foi uma espécie de impulso, acho. Tive que falar com ela: conversar, olhar bem fundo nos seus olhos e descobrir um tempo que já não existe mais. Uma história sem agá maiúsculo, a história de uma vida.

Dona Olinda tinha o ar desligado de quem viveu demais. Usava um broche (algo do século passado) com o nome de Antônio Fagundes Neves gravado.

Era menina de subir em árvores (elas existiam em abundância antigamente) para “comer fruta do pé”. Não era comportada, vivia de joelhos no milho e com marcas de palmatória nas mãos. Diferentes tempos aqueles...

Começamos a conversar como se fôssemos velhas comadres.

O tempo fluía como correnteza e de vez em quando seus olhos cinza-perolados paravam e ficavam nublados. Não se lembrava das coisas com a facilidade de outrora. Fazia tempo. Muito tempo. Os rios e igarapés de Manaus daquela época ainda eram limpos. Dava gosto de ver, nadar, se perder lá no fundo e não voltar mais à superfície. Era tudo muito quieto lá embaixo. O rio Negro não era tão poluído, mas já existiam copos descartáveis “pegando uma onda”.

Na escola, as mulheres aprendiam o que, na época, era de suma importância: cantar, cozinhar, falar francês ou outra língua europeia. E costurar. Mas a agulha nunca gostou dos dedos da menina-moça Olinda, que também detestava o silêncio da sala de costura. As agulhas furando o pano era o único barulho que se fazia ouvir. E ai de quem quebrasse aquele pesado silêncio.

O colégio em que ela estudou, Nossa Senhora Auxiliadora, lhe trazia boas lembranças. Foi lá perto que conheceu o seu primeiro namorado, que mais tarde viria a ser seu marido. O mesmo nome que estou contemplando fixamente no seu broche. Ela percebeu minha tímida curiosidade. As pessoas de antigamente tinham sensibilidade.

A história de amor de dona Olinda e seu Fagundes pode-se resumir assim: uma queda, um cavalheiro, amor à primeira vista (sim, existe!), encontros escondidos, um “não” familiar, juras de amor eterno, uma fuga e, após alguns anos, uma morte. A saúde de seu Fagundes nunca foi das mais fortes.

Dona Olinda suspira. Comenta como os tempos estão mudados: asfalto no lugar de paralelepípedos, carros barulhentos e fumacentos, em contraste com o antigo som das ferraduras dos cavalos contra o solo. Intensa poluição.

Novos estilos de arquitetura. Onde estão os prédios com os mesmos traços arquitetônicos do Teatro Amazonas e do prédio da Alfândega? Um passado ultrapassado pela modernidade e pelo falecimento de pessoas como dona Olinda.

Ela sorri para mim como alguém que acaba de contar um segredo. Um sorriso que ficou marcado na memória: lembranças...

No dia seguinte, voltei para conversar um pouco mais com dona Olinda. Ela, porém, não apareceu nesse dia.

Nem nos outros.

## O terror da guerra

Aluna: Talita Cristina de Oliveira

Passei a infância e a adolescência na roça, trabalhando no sol quente, a pele ardendo, o suor escorrendo. A vida era serena, não tínhamos receio de nada. Naqueles tempos as brincadeiras eram divertidíssimas. Eu e meus irmãos nos deitávamos na grama macia e verdinha e nas poteiras – lugar descampado onde o gado pasta –, ficávamos um tempão contemplando o céu, imaginando em qual das nuvens estariam nossos anjos. Mais emocionante era quando descíamos rolando ladeira abaixo, comendo capim e metendo a cara nos estercos secos dos animais.

Sentia o ar puro entrando pelo nariz e batendo nas paredes dos pulmões, aquele ar com cheirinho de mato verdinho, flor do campo, misturado com a simplicidade dos caboclos.

Que saudades dessa vida! Hoje os pequeninos estão iludidos pela tecnologia, as brincadeiras são poucas e as preocupações dos pais aumentaram em dobro, devido às más companhias e à violência.

Em 1912 começou a Guerra do Contestado, com ela acabou a serenidade dos campos verdes. Nossa região se transformou em um campo de batalha. Recordo com aperto no coração a gritaria, pessoas morrendo, outras orando a Deus para que as livrassem das atrocidades cometidas. Num piscar de olhos, as crianças estavam sem suas famílias, todos mortos pelos jagunços – era assim que os caboclos chamavam os soldados do exército brasileiro –, eles sentiam-se superiores a nós. Não tinham dó nem piedade. Lançavam as crianças para o alto, e com o braço firme seguravam a baioneta – espécie de espada – e elas caíam sobre a ponta afiada que lhes atravessava o corpo em frações de segundo. Via-se apenas sangue puro jorrando para todos os lados, e as mães chorando desesperadas. As mulheres e moças eram violentadas sexualmente e depois de terem aliviado seus prazeres doentios, num ato de tirania os jagunços as matavam cruelmente.

Por isso meu pai fez um buraco aos pés de uma árvore chamada imbuia e o camuflou com folhas e galhos. Lá eu fiquei com a mamãe e meus irmãos, durante um tempo absurdo, tive que dividir aquela cova com formigas e minhocas, comia



brotos recém-nascidos da terra, tentava dormir ouvindo o barulho da lâmina afiada e berros... Segurava o rosário forte em meu peito, pedindo a Deus que protegesse meu pai e que todo aquele horror acabasse rapidamente. Queria ver a luz do sol, poder relaxar, brincar... Mas devia ficar no calabouço escuro em cujas paredes está desenhado o mistério da vida. Vejam só: uma terra tão simples porém monstruosa e cheia de enigmas incompreensivos. Mas uma dúvida me atormentava, só em pensar ficava com as mãos suadas: será que papai está vivo para nos contar das suas aventuras e com um gesto dizer que tudo está bem?

O tempo passou, já era 1916 e eu estava viva! Pulei de emoção e com gritos de alegria fui em busca de papai. Mas logo percebi que ele estava muito longe de mim. Chorei e chorei. Agora eu podia correr, sorrir, ver a luz do sol. Embora tenha realizado meu sonho - sair do calabouço -, nada mais tinha importância! Sem papai a vida nunca mais foi a mesma...

Foi difícil reconstruir minha vida novamente. Por onde eu andava as lembranças me acompanhavam. Quando ia à roça me lembrava das gargalhadas de papai, de seus gritos enfurecidos, a paciência que tinha comigo. Ao dormir, me lembrava de suas histórias, contadas à luz do luar. Foi ele quem me mostrou o brilho das estrelas e me dizia que eram nossos parentes já mortos... Hoje fico aqui, ao redor do fogão a lenha, recordando o passado. A crueldade me ensinou a lutar contra a tristeza, com esperança e fé em Deus. Assim como eu, os descendentes de caboclos continuam pobres e simples, aliás, a humildade está no nosso sangue. Atualmente sobrevivem na periferia das cidades, são peões das fazendas ou simplesmente sem-terra.

A Guerra do Contestado foi uma batalha sangrenta que mudou para sempre a paisagem e o destino das pessoas do lugar onde vivo.

*(História baseada na vida de dona Maria Dorvalina Nunes França, minha bisavó, nascida em Campos Novos – SC, em 1899, hoje com 109 anos. Atualmente mora em Caçador, sobrevivente da Guerra do Contestado.)*

## Outros tempos

Aluna: Cristiane Peinhopf

Enquanto dona Giuseppina me contava sua história, imagens se formaram, conciliavam-se com os tempos de hoje. Um filme passava em minha mente e era como se eu estivesse lá.

“... Éramos doze irmãos. Os mais velhos ajudavam papai na lavoura, os mais novos ajudavam em casa.

Eu e minhas irmãs brincávamos com bonecas de palha e de pano confeccionadas por nós mesmas. Montávamos caminhas de palha para elas, a cozinha, os móveis... Às vezes também brincávamos de fazer fogo e cozinhar batatas e banha de porco que o mamãe nos dava. Meus irmãos faziam seus carrinhos com sabugo de milho e mandioca.

O tempo passou depressa, fiquei uma mocinha. Comecei a ir à escola, que era muito diferente de hoje. Eu tinha que caminhar dois quilômetros. Havia, geralmente, dois professores por escola e eles davam todas as aulas. Eles eram tratados com muito respeito, iam com uma vara caso algum aluno desobedecesse. Ainda hoje, só de lembrar, sinto o mesmo frio na barriga que sentia quando a professora se aproximava. Freqüentei até o quarto livro (como chamavam na época, que equivale à quarta série). Estudei pouco, mas graças a Deus tive a oportunidade, pois para nós era difícil, tínhamos que cuidar dos irmãos ou trabalhar.

Do que mais me recordo são os padres que falavam que era pecado perder os cultos e, por isso, todo mundo ia. Mas a igreja ficava longe, pois todos moravam na colônia. Às vezes papai levava todo mundo de carroça, mas quando isso não acontecia tínhamos que ir caminhando sete quilômetros. Nessas datas e domingos, usávamos as melhores roupas, feitas pela mamãe. Lembro-me como se fosse hoje eu e minhas amigas saindo com nossos vestidos compridos até o joelho ou mais abaixo, geralmente de manga longa e nem um pouco decotado. E também os rapazes que usavam sempre o mesmo terno. Acho que as roupas foram o que mais mudou.

Eu tenho saudade de quando esta cidade era menor que o bairro. Naquela época havia pouquíssimas casas, o hospital era uma pequena casa de madeira e tinha somente um médico. Ele fazia tudo, qualquer doença ele tratava, qualquer cirurgia ele fazia. Bem diferente de agora. Apesar de ser um pouco mais sofrido, tenho saudade da felicidade e dos sonhos compartilhados naquele tempo.

Poucos tinham água encanada. Eu, por exemplo, ainda não tinha. Sempre que precisava, ia buscar água no poço que ficava a aproximadamente 350 metros da minha casa.

Com o tempo começaram a construir mais casas, abrir lojinhas, serraria e até olaria para a construção das mesmas. Foi um progresso para os moradores da época, e a partir daí a cidade começou a crescer.

Moro aqui há 64 anos e vi esta cidade crescer. Olho e me lembro de tudo! Mas não parece que é o mesmo lugar.

Onde só havia algumas casas de madeira, pequenas estradinhas, lavouras de milho, soja, mandioca e pés de frutas, hoje existem edifícios, asfalto e várias lojas. As ruas que uma vez eram pequenas e desertas hoje praticamente congestionam. Eu nunca imaginei que esta cidade cresceria tão rápido. Parece um sonho.

Realmente gosto muito deste lugar, me orgulho dele. Já tenho 86 anos, mas espero aqui estar por muito mais tempo e poder contar histórias para muito mais pessoas...”

Dona Giuseppina me contou tudo com lágrimas nos olhos, lembrando cada detalhe, alguns até que não se encontram aqui, mas me fez refletir sobre várias coisas, me fez viajar no tempo e perceber como tudo muda depressa.

Foi maravilhoso saber mais sobre o lugar onde moro, ainda mais contado por uma pessoa tão doce e que, principalmente, viveu tudo isso.

*(Texto baseado no depoimento de dona Giuseppina Situlim Sette, 86 anos.)*

## *Ipuã tem memória*

Aluna: Gabriela Ricardo Vaz

Estavam ali duas gerações completamente distintas: senhor Romualdo Fratim, 88 anos, e eu, uma estudante da 7ª série. Ele retornou ao seu passado, revivendo os guardados de suas memórias, e assim começou a contar-me histórias de seu tempo de infância e mocidade. Não demorou muito e eu viajei naquelas palavras...

“Era uma vasta planície onde a vista não alcançava o verde no horizonte, e suas terras de águas puras e cristalinas em abundância, juntamente com a fé católica de seu povo, denominaram aquele arraial Santana dos Olhos d’Água, que posteriormente passou a chamar-se Ipuã – nome de origem tupi-guarani que significa ‘águas que vertem’.

Nesse chão fértil, o café era a sua maior fonte de renda. Isso me faz recordar dos meus tempos de menino e do sonho dos moradores de que a estrada de ferro passasse por aqui. Afinal, aqui havia milhares de pés de café que eram transportado pelo trem.

Meu pai, com a necessidade de mover a sua beneficiadora de arroz, ajudou a trazer a energia elétrica para cá. A partir daí, nossas vidas passaram a mudar, a nossa até então pequena e simples cidadezinha dá início ao seu crescimento.

Com a vinda da energia elétrica veio também o primeiro telefone público. O serviço telefônico magnético automático era diferente, mas muito interessante, e ficava localizado na escola. Era incrível aquele aparelho permitir uma pessoa falar com outra, mesmo que muito distante.

Nas ruas de terra, de calças curtas e pés descalços, eu me sentia completamente livre e feliz. Descia pela rua tocando meu pneu de automóvel – que era uma raridade naqueles tempos, todo menino desejava ter um. Ali eu também avistava meninas numa brincadeira de roda: ‘A menina mais bonita, favor entrar na roda, diga um verso bem bonito, diga adeus e vá se embora’.

Eu fui crescendo e cheguei o tempo de ir ao cinema. Lá pelos idos de 1930, aos domingos, tinha a sessão matinê. O cinema era mudo e uma pequena orquestra tocava durante a exibição do filme, mas nem por isso deixava de ser encantador. No intervalo das sessões, era preciso molhar a tela, que era de pano, para que ela não pegasse fogo.

Não sou mais aquele rapaz que sempre ia ao cinema, mesmo porque, hoje, ele não existe mais aqui em nossa Ipuã. Mas nem por isso eu me esqueço dos filmes que marcaram minha vida, como: *Tempos Modernos*, com Charles Chaplin. Também me divertia muito com Tarzan, o Gordo e o Magro e entre outros também estão os meus favoritos, que são os filmes de faroeste.

Se bem me lembro, ao lado do cinema havia um alto-falante, onde meu amigo José Zanini era o locutor. Esse alto-falante era a grande sensação do momento. E naqueles tempos tão recatados e comportados, ao som de canções como as de Carlos Galhardo, Vicente Celestino e Carmem Miranda, jovens faziam o *footing* – passeio onde as moças e rapazes subiam e desciam a avenida, trocando olhares e flertes. Ainda podiam-se ouvir as ‘Crônicas da Cidade’ que eram escritas por jovens daquela época.

Havia na praça Dom Pedro II um coreto. E quando essas lembranças surgem em meu pensamento os meus olhos começam a marejar. Eu era apenas um dos músicos da banda...

Atualmente Ipuã está mudada, mesmo assim continua para mim e para o seu povo querida, sossegada e tão pequena, que cabe toda em um só abraço.”

Eu não sabia, mas Ipuã tem memórias. E, quando leio o que escrevi, não sei se essas histórias são cenas vividas pelo senhor Romualdo Fratim ou por mim, pois parecem que as suas memórias agora também são minhas.

*(Escrito com base na entrevista com o senhor Romualdo Fratim.)*

## Como as nuvens de algodão, as lembranças vêm e vão

Aluna: Kárita Misaeli Sousa Felipe

O presente e o passado se fundem em um só desenho, num velho papel preto-e-branco o colorido ia surgindo como se eu estivesse dentro de um filme antigo, e o mesmo ia aos poucos formando mosaicos. Minhas memórias foram criando aspectos reais.

Comecei a recordar meu tempo de criança e história de vida. Parecia viajar entre enormes nuvens em forma de algodão, e nelas sucessivas cenas me emocionavam.

Morávamos na Fazenda São Gonçalo, interior de Goiás, região sul do vale do São Patrício. Aquele lugar me fascinava! Juntávamos a criançada e íamos brincar no rio. Era diversão garantida! Meus primos cortavam os cipós e, dependurados, segurávamos com firmeza para não cair. Começávamos a balançar vagarosamente e quando pegávamos impulso nos jogávamos contra a correnteza. Era uma sensação muito boa, e perigosa também. A água, tão límpida, refletia nossa face no fundo do rio. A magia daquele lugar aguçava nossa imaginação.

Ah, bom mesmo era quando voltávamos para casa! Seguíamos enfileirados nos trieiros, sempre cantarolando... Ao longe, avistávamos o paiol e a fumaça do forno caipira de mamãe, construído de barro. Ela gostava de fazer mane pelado – bolo feito com base de mandioca –, tão macio, que desmanchava na boca, e o cheiro irresistível de erva-doce vinha acompanhado de um café quentinho torrado na hora. Hum! Quem rejeitaria?

Antes de chegar em casa, atravessávamos a pinguela até chegar ao pomar. Era de pé de goiaba, bacuparé, ingá, manga, jabuticaba, jatobá... Não resistíamos e devorávamos, ali mesmo, o fruto da época. Nos pés, sempre descalços, dava para sentir o frescor da terra umedecida pela sombra e frutos maduros que caíam.

Voltávamos para casa à tardinha. Nosso rancho era construído de tabatinga e sapé. Na frente, uma velha cancela e um “mijolo” (era assim que se pronunciava a palavra monjolo). Antes de escurecer, mamãe colocava o arroz para socar.

Mal o dia nascia já estávamos todos em pé. Papai saía cedo para o aprisco – local onde ficava o gado –, às vezes eu ia com ele. Leite tirado na hora. Que delícia!

Meus trajes eram feitos pela mamãe: vestidos de algodão tecidos no “tialí” (era assim que se pronunciava tear) e passadinho com ferro a brasa.

Quando chovia, mamãe nos colocava para dentro e servia como janta uma deliciosa sopa de verduras, colhidas de uma viçosa horta nos fundos da casa, tudo feito no fogão a lenha.

Cresci, aproveitei minha juventude, namorei muito, e casei-me. Hoje, me sinto uma pessoa realizada.

Mergulhei nas recordações como quem entra em uma sala de cinema e é engolido por aquela gigantesca tela e transportada do presente para o passado, viajando por anos.

Dentro de um baú perdi-me na imaginação e me redescobri após uma longa viagem no tempo. As lembranças esquecidas e por um triz apagadas de minha memória vieram através de imagens envelhecidas.

Essa é uma bela parte de minha história, pois as muitas lembranças não caberiam nestas poucas folhas de papel...



## *Histórias nas noites de luar*

Aluna: Josane Lima Rodrigues

Nasci e cresci na zona rural de Jiquiriçá, região chamada até hoje de Macuca, em um tempo que o desenvolvimento e as informações pareciam não chegar até nós. Lugar remoto, poucas casas no meio do mato. As fazendas do município eram todas isoladas, rodeadas por matas; vizinhos eram raros. Ainda a falta de estradas e transportes tornavam difíceis a circulação de pessoas e a comunicação, o que não acontece atualmente.

Eu morava em uma casa grande, antiga, com varanda, mas sem muito conforto: não tinha luz elétrica, como hoje, o piso era de tijolos, dormíamos em colchões de capim. Nada de moderno, mas esse era o lugar em que me sentia completamente feliz.

Papai trabalhava no campo, plantando feijão, milho, mandioca e verduras. Comíamos alimentos fresquinhos da natureza e não precisávamos, como hoje, nos abalar até a cidade, com frequência, para comprar alimentos, que já vêm contaminados com agrotóxicos.

Gosto da vida no campo, fui ensinado a conviver com a natureza, guardo maravilhosas recordações daquela época em que brincava com meus três irmãos e duas irmãs, subíamos em árvores, comíamos frutas no pé, tomávamos banho no rio, e à noite o papai nos ensinava o alfabeto e os números e a mamãe nos contava histórias para dormirmos em paz.

O que mais gostávamos de fazer, quando a saudade batia, era visitar nossa vovó Antonieta, que morava distante, em outra localidade, na zona rural. Começávamos os preparativos na noite anterior. Mamãe arrumava nossas sacolas, preparava frango assado, feijão-tropeiro, biscoitinhos de nata e suco de graviola para comermos durante a viagem longa e fatigada pelos abalos dos animais e estradas ruins, no meio do mato. Lembro-me de que quase não dormíamos naquela noite em meio à agitação e ansiedade.

Acordávamos antes de o sol nascer e logo estávamos com o pé na estrada. Eu, meus irmãos menores e a mamãe íamos na carroça, já o papai e meu irmão mais velho iam a cavalo. Era aquela sensação maravilhosa, apesar de um dia de viagem e em meio às dificuldades, cada metro



trilhado imaginávamos encontrar vovó Antonieta preparando seus quitutes e doces deliciosos.

E não dava outra. Quando chegávamos, lá estava a vovó na cozinha fazendo meu doce de leite preferido e tantas outras gostosuras. Depois de nos empanturrarmos com aquelas iguarias era o momento de ouvirmos suas histórias.

Recordo-me que vovó me colocava no colo e iniciava suas histórias numa bela noite de luar.

Como não tinha luz elétrica, ela abria os janelões da varanda e a luz da lua irradiava a casa. Isso nos enchia de emoções. E assim as histórias de lobisomem, bruxas e outras eram contadas, recontadas, e meus irmãos esperneavam de medo e terror, enquanto eu me divertia e emocionava com as histórias aterrorizantes que ela contava com tanto encanto.

Nas horas claras do dia, aproveitávamos para jogar uma pelada em um campo de terra, explorávamos cavernas com os garotos da redondeza, porque o lugar onde vovó morava não era tão isolado quanto o nosso. E quando a noite chegava novamente lá estávamos pedindo bis das histórias para a vovó.

A hora do regresso para casa era uma choradeira sem fim. Porém, sabíamos que era preciso retornar e continuar com nossas atividades de rotina.

Muito tempo se passou, hoje já estou velho e fico saudosos dos meus tempos de infância, minha cidadezinha, região que, mesmo no atraso, me fazia feliz e sentir em paz. As recordações ficaram guardadas dentro de mim e conservo o mesmo amor pelo campo, saudades das histórias da vovó, que hoje já não existe mais. Não tenho o mesmo prazer de participar desses momentos com meus netos, porque a tecnologia invadiu nossos espaços e tem atrapalhado nossos encontros e afetos.

Que saudade do meu lugar, do meu povo! Até hoje ainda sinto emoção e o sabor adocicado dos feitos da vovó. Ah, como é gostoso voltar no tempo!

## Praça do engraxate

Aluna: Marianna de Souza Oliveira Ottoni

Quando o sol dava as caras, nas rotineiras alvoradas, lá estava eu, aceso como uma faísca, pronto para iniciar mais uma jornada naquele árduo ofício.

Eu, loiro e um tanto magricela, era engraxate na época, e já com meus 8 anos me conheciam como “Olympio dos sapatos”, ou, para os mais íntimos, somente “Olympio”. O apelido – que, aliás, eu detestava –, com o qual tive que me acostumar, não se encaixava muito bem com o meu nome, Joaquim, mas era tudo de que meus implicantes amigos gostavam.

A Praça Saens Peña era o meu local de trabalho. Naquele tempo, ela era mais tranqüila, com menos movimento. Porém, mesmo assim, todas as pessoas que por lá passavam, diariamente, deixavam a sua história. Aquelas moças graciosas, tão inocentes, com seus imponentes vestidos rodados, tais quais rainhas, eram acompanhadas por requintados rapazes, sempre usando ternos e inseparáveis chapéus: uma verdadeira passarela dos anos de 1937. A praça era um ponto de encontros não somente profissionais, mas também amorosos. Os jovens casais se reuniam para ouvir românticas canções, como *Chão de Estrelas* e *Serenata* (ambas do esplêndido Sílvio Caldas), tocadas por habilidosos violonistas. As melodias seguiam como serenos rios à luz do crepúsculo, banhando as mais ingênuas paixões.

Outra diversão daquele tempo era o cinema, a grande novidade, e a minha praça possuía vários deles. A tela dava asas à imaginação e fascinava a todos por nos transportar ao longínquo, ao inesperado.

Nas horas de lazer que me restavam, geralmente aos domingos e depois das aulas, ou aparecia nos teatrinhos de fantoches – os quais eu adorava – ou brincava na rua onde morava, misturado a uma dezena de amigos. Quando havia somente meninos, o futebol ou as bolinhas de gude prevaleciam. Mas, no momento em que as meninas também se juntavam a nós, começávamos rapidamente a nossa brincadeira preferida, que chamávamos de “boca de forno”, na qual havia um mestre que ordenava aos outros participantes para pegar certos objetos, dando-lhes um tempo para que estes fossem encontrados. O vencedor era aquele que trouxesse o maior número dos materiais exigidos.

A ordem do mestre era um feitiço para todos nós e, por isso, com afinco, sempre lhe obedecíamos. Modéstia à parte, eu sempre ganhava.

Como pertencia a uma família humilde, continuei trabalhando como engraxate por muitos anos, e fui acompanhando as mudanças do lugar onde vivo. Os cinemas deram lugar às farmácias, óticas, igrejas, e as lojas de elite, devido à falta de segurança, abandonaram a praça, sendo substituídas pelos estabelecimentos populares e pelos camelôs. Para abrigar essas melhores lojas e cinemas, construíram-se os *shoppings*, como o conhecido Shopping 45, no local de um antigo prédio comercial, próximo ao Cine América. Isso porque a violência aumentara de forma considerável, chegando, inevitavelmente, à outrora tão serena Praça Saens Peña.

Agora, já idoso, passo todas as tardes na minha transformada pracinha, jogando cartas e revivendo na minha memória cenas de um passado distante, mas ainda tão presente dentro de mim. Tempo em que, como eu, a Praça Saens Peña ainda era uma criança, estando ao meu lado até nas horas em que eu me sujava de graxa...

*(Texto elaborado com base na entrevista realizada com Heloísa Ottoni, de 84 anos, e Joaquim Olympio, de 70 anos.)*



Professor: Luiz Cláudio Machado de Santana   Escola: Colégio Brigadeiro Newton Braga  
Cidade: Rio de Janeiro – RJ

## Paraíso transformado

Aluna: *Maria Angélica Bomfim Oliveira*

A cidade onde nasci, apesar de pequena, tem muitas histórias maravilhosas como a que vou contar. São lembranças de um tempo distante, mas guardadas na minha memória.

As brincadeiras eram inesquecíveis, eu e os meus irmãos brincávamos juntos. Naquele tempo o trabalho era muito pesado, mas, mesmo assim, a diversão era garantida. De manhã levantávamos na maior farrá. Lembro-me do papai dizendo para a gente se apressar que o sol já estava nascendo. Na época, ver o sol nascer era algo muito gratificante, o céu ficava um lado azul e outro amareladinho. No período de chuva, as árvores ficavam verdes e algumas floridas, dando um certo encantamento à paisagem. Hoje o sol nem tem alegria de nascer, porque as pessoas com suas vidas agitadas já nem param mais para observá-lo.

Ao chegar à roça, papai dava a cada um de nós um embornal (espécie de bolsa feita de pano) para colocar o feijão que íamos colhendo. Esse trabalho dava uma tremenda dor nas costas, mas, mesmo assim, a gente brincava dizendo ser os gigantes roubando os filhotinhos do pé de feijão.

A hora do almoço era uma farrá, pois comíamos juntos na mesma vasilha, só o meu pai é que comia separado. A água que a gente bebia ficava em uma antiga moringa que a mamãe tinha desde seu casamento. Ao voltarmos o sol ardia as nossas orelhas, mesmo assim brincávamos de ser o Tarzan pulando de galho em galho das árvores. Hoje aquela estrada se tornou uma rua calçada e no lugar das árvores, são casas e alguns sobrados.

Ao chegar em casa íamos para o tanque buscar água na cabeça para tomar banho e lavar as louças do jantar.

Fazíamos três viagens para encher três barris grandes de água. Essas viagens eram bem divertidas, porque um comandava a tropa. Um dos meus irmãos era bastante esperto e sempre era o condutor, colocava a gente para levar o balde dele. Por isso era considerado o maior soldado da nossa patrulha.

Após essa tarefa, íamos brincar no curral a tarde inteira, até o pôr-do-sol. Na hora de dormir, conversávamos muito sobre as nossas próximas reinações. Enfim, o meu paraíso está guardado embaixo de lojas, comércios, casas e paralelepípedos, mas as minhas lembranças guardo carinhosamente na minha memória.

Professora: *Elza Neves Batista Marques* Escola: *Colégio Estadual Luís Eduardo Magalhães*

Cidade: *Botuporã –BA*

## *Da casa de chão da vovó à modernidade*

Aluna: Luana Vaccari

Naqueles tempos de criança, a vovó Catarina tinha uma casa muito grande, de chão batido. Nós adorávamos fazer um círculo no chão e ouvir as histórias antigas que ela contava. Se bem me lembro, a comida era feita no chão, onde a panela e a chaleira eram penduradas em uma vara, porque naquela época não existia fogão.

Recordo-me que nossas brincadeiras eram diferentes. Não existia futebol. Nós brincávamos de pular corda, esconde-esconde e peteca. Nossos pais nos acompanhavam em todas as nossas atividades, como ir à missa e à catequese. Antigamente não tínhamos muito que fazer. Hoje em dia isso não acontece mais, os pais são muito ocupados e por isso não sobra tempo para acompanhar os filhos em suas atividades.

Naquela época as roupas eram feitas em casa. Com uma mesma peça de tecido se fazia roupa para a família inteira. E nas fotos só se podiam identificar os filhos pelo tamanho, pois todo mundo usava xadrez.

Os alimentos que não eram produzidos nas lavouras eram trazidos de Guarapuava através de carroças, nas quais levávamos porcos para trocar por mantimentos. Nas lavouras não existiam máquinas como tratores, colhedoras, plantadeiras, etc. Lavrávamos a terra com arado de boi, plantávamos arroz e feijão.

Lembro-me que as primeiras pessoas que conheci foram dona Gertrudes, dona Candinha e dona Dolores, “Das Dores”, como nós a chamávamos.

O tempo foi passando, chegou o namoro, que naquela época era diferente de hoje: só víamos a namorada a cada quinze dias, dependendo do lugar que ela morava. Casei-me muito novo, aos 18 anos, e minha esposa, aos 16. Nós tivemos oito filhos, todos já são casados.

Os pais naquele tempo não se importavam com a data de nascimento dos seus filhos. Eu, por exemplo, nasci no dia 29 de janeiro e meus pais me registraram no dia 25 de dezembro.

Com o passar dos anos foram muitas as mudanças da cidade. Recordo-me que aqui só existia mato, as casas eram mais simples, feitas de madeira comum; hoje, por exemplo, a maioria das casas são bem mais sofisticadas, luxuosas.

Antigamente eu trabalhava na roça, hoje sou aposentado e tenho 61 anos. Sou Manuel Elias de Oliveira e moro aqui nesta adorável cidade, que é Porto Barreiro.

## Ontem, hoje e sempre

Aluna: Danilo Veras de Carvalho

Cheguei a Piripiri ainda menino, onde permaneço até hoje, com meus 70 anos. Durante todo esse tempo a cidade cresceu e sofreu muitas transformações, que ainda acontecem.

Na minha visão de criança, eu mal sabia o quanto a cidade iria crescer.

Piripiri tem esse nome devido a um tipo de capim da fazenda do fundador, padre Freitas. Ela era muito pequena, com poucos comércios e pequenas casas de adobe – tijolo de argila cozido ao sol e de pouca qualidade.

As ruas, além de serem mal iluminadas com luz de lampião, ainda eram esburacadas, e na época das chuvas formava-se um lamaçal horrível. Mas mesmo nessas condições as ruas eram calmas e tranqüilas, pois ali só se ouvia o som das pessoas que iam e vinham e dos jumentos e carroças.

Nesta cidade, estudar era um privilégio de poucos. Eu mesmo nunca freqüentei os bancos escolares, pois tinha que trabalhar para ajudar minha tia Cecília no sustento da casa. Eu vendia água pelas ruas, tocando um jumento com duas ancoretas – pequeno barril usado para conduzir água.

O melhor era que sempre sobrava tempo para brincar com meus amigos: jogava peteca, futebol no campinho, brincava de cantigas de roda. Eram bons tempos aqueles!

Já o domingo era o melhor dia da semana. Torcia para que ele chegasse, pois sentia no ar o clima de festa. Ainda garoto, eu observava aquela multidão que se reunia, durante a noite, em suas casas, comércios, igrejas, leilões e são-gonçalos – celebração religiosa. Tudo isso sob a luz suave do lampião, para descansar e festejar, após uma semana de labuta.

Não era apenas diversão de amigos. Eram memoráveis dias!

O tempo foi passando, e quando rememoramos as construções antigas da cidade relembramos pessoas consideradas lendárias pelo seu jeito simples ou estranho de viver. Quem aqui não ouviu falar do Araripe, muito alegre e cheio de pose; do negro Chico Helena, que chamava todas as mulheres de madrinha; e do Zé Cocota, alto e meio corcunda? São pessoas que fazem parte do nosso passado e permanecem vivas em nossa memória.

Lembro-me, como se fosse hoje, do apito do trem cortando a cidade, da Usina Velha, da casa e da fazenda do fundador, padre Freitas – todos esses lugares estão apenas na memória dos habitantes.

Atualmente a cidade está muito maior, mais desenvolvida. A tranqüilidade da cidade deu lugar ao barulho dos automóveis. O que me assusta é a violência, que cresce junto com o progresso.

Ah, minha hospitaleira Piripiri, terra dos quatro “is”, continua crescendo e muitos outros verão mudanças e, então, as lembranças irão durar para sempre!

*(Texto baseado na entrevista feita com Francisco Peres de Souza, o popular “Chico do Romance”, radialista e autor de mais de duzentos cordéis.)*



## A mais bela infância...

Aluna: Bianca Souza Soares

Lembro-me com saudades do meu tempo de criança, quando brincar, rir e ser feliz eram minhas únicas ocupações.

Minha condição financeira naquela época não era muito boa, mas só o fato de ter uma família unida e uma bela fazenda para desfrutar já me satisfazia. Pode parecer pequenas coisas, mas aos olhos de uma criança era o bastante para ser feliz.

Ah, que saudades das horas que eu passava em cima do pé de manga com a minha irmã, naquele vasto campo verde, de jogar futebol com os meninos, dos gritos de mamãe avisando a hora do almoço! Ao atravessar a porteira éramos guiadas pelo cheirinho de arroz com pequi feito no fogão a lenha. Saudades também de andar a cavalo, mesmo tendo caído duas vezes e desmaiado.

No meu lindo mundo da imaginação tudo era possível, até mesmo pequenos formigueiros que havia nas estradas da fazenda serem rastros de saci-pererê. Naqueles tempos era uma das coisas de que eu mais tinha medo.

A pureza do campo ainda invadia nosso coração de alegria e de amizade. Na escola, multisseriada até a 4ª série, formávamos um grande círculo para brincar de roda: passa-anel, escravos de Jó, fui à Espanha, e ainda barra-manteiga e queimada.

Quando completei 11 anos vim para a cidade, podendo assim continuar os estudos. Notei várias diferenças, principalmente na escola: as salas eram maiores, e o número de alunos também. No início me senti um tanto perdida, pois parecia viver em um outro mundo, onde os costumes e brincadeiras eram outros. O meu alívio era quando batia o sinal para o recreio, pois ali podia contar com a inigualável presença da minha irmã.

Na cidade as ruas eram de terra e quando chovia o cheirinho de terra molhada visitava-nos em casa. Naquela época havia apenas uma escola de colegial, poucas casas e outros casarões da época da fundação. Por volta de 1980 as águas termais de Caldas Novas, em Goiás, foram sendo conhecidas tanto por brasileiros quanto por estrangeiros. A cidade cresceu aceleradamente. Eu parei de crescer, mas ela continua, as pequenas casas deram lugar a outras, mais modernas, e os terrenos vazios, a grandiosos parques aquáticos. Essas e outras mudanças fizeram da pequena cidade de Caldas Novas “a maior estância hidrotermal do mundo”.



E, hoje, a cidade é conhecida internacionalmente por suas águas quentes, as casas foram substituídas por grandes prédios que acolhem os visitantes e o sossego das ruas foi invadido por uma grande movimentação de turistas nacionais e internacionais.

Quando fecho os olhos e viajo em busca de lembranças agradáveis, sempre o que vem à minha mente são cenas da minha infância. Naquele tempo o sorriso vivia estampado em meu rosto, pois as dificuldades pelas quais passávamos não eram nada, se comparadas à felicidade encontrada nas pequenas coisas que quando somadas me faziam a criança mais feliz do mundo.

Se pudesse voltar no tempo? Sim, voltaria, mas não mudaria nada, pois tudo o que eu vivi foi lindo. Lógico que passei por momentos ruins, mas foi com eles que aprendi a ser forte e hoje sou o que sou. Uma professora de geografia com pós-graduação.



## O El Dourado roraimense

Aluno: Rodrigo Mateus Silva

Em 1976, sussurrava nas emissoras de rádio da Amazônia uma notícia sobre a descoberta de ouro no território federal de Roraima.

Luíis e eu ouvimos essa notícia em Cuiabá (MT) e nos empolgamos, arrumamos as malas e seguimos rumo à Região Norte, agora o horizonte dos sonhos.

Depois de uma longa viagem de navio e ônibus, chegamos a Boa Vista, capital de Roraima.

Boa Vista era uma cidade simples. Nos poucos bairros existentes a maioria das casas eram de madeira e raramente víamos ruas asfaltadas, mas tinha algo envolvente e encantador: os imensos lavrados verdejantes que escondiam mistérios a serem revelados. Também me surpreendi com a moeda que predominava no comércio: ouro... ouro mesmo. Hoje a moeda forte de Roraima mudou de cor, e não está escondida entre matas e serras, está ao alcance da mão: é o delicioso arroz que saboreamos todos os dias.

Naquela noite não consegui dormir, sonhava acordado com o El Dourado. No dia seguinte, fomos para a beira do rio pegar a canoa para a área indígena lanomâmi, onde estavam localizados vários pontos de garimpo. Ficamos apreensivos, mas também muito ansiosos.

Chegamos ao tão almejado destino, e agora tínhamos de procurar um local para trabalhar. Foram vários dias de viagem a pé. Nesse percurso nós acampávamos fazendo pequenas clareiras na mata fechada. Quando a comida acabava, chamávamos através da fonia – espécie de rádio local – um amigo na capital para fretar um avião e deixar algumas sacolas de rancho – cesta básica – e assim a viagem prosseguia.

Depois de alguns dias de caminhada encontramos um local chamado Santa Rosa e pedimos permissão para ficar e depois do descanso ouro fomos procurar. Foram horas, dias, um mês de procura e nada... nada acontecia. O El Dourado parecia que estava fugindo de nossos sonhos. Foi quando, como num passe de mágica, encontramos ouro avantajado. O mistério revelado. Foi uma grande emoção para nós, o coração batia forte, parecia que ia saltar do peito. Ver todo aquele brilhante e fascinante é algo que nunca esquecerei, pois transformou a minha vida.

Trago vivas nas lembranças as grandes emoções e aventuras que vivi nesta terra cheia de riquezas e mistérios. Terra que sempre será o meu grande tesouro.

Professora: *Marcélia Nicácio Brandão* Escola: *E. E. Professor Camilo Dias* Cidade: *Boa Vista – RR*

## Memórias de quem não esteve lá

Aluna: *Thais de Sá Fravoline*

Laje do Muriaé. Este é o nome da minha cidade, uma pequena e pacata cidade do interior, comum, com pessoas comuns e histórias bem bizarras, eu diria.

Laje... Ponto de encontro nos finais de semana seja onde for: no Obelisco, na ponte, brincar de pique-esconde, sem ter que se preocupar.

Laje... Que guarda segredos dos casais apaixonados, segredos do escurinho do cinema, segredos que nem mesmo as fofoqueiras seriam capazes de revelar.

Horários rígidos para chegar em casa, obediência e devoção, essa era uma relação que hoje em dia não existe não.

E quando se uniam para contar aquelas histórias? Quem não sabe do Velho Diabo, Bastos Seco? Foi jogado no rio, o velho boiou; tocaram fogo, o velho ressuscitou... O jeito foi enterrá-lo na igreja, nem o diabo pôde com tanta esperteza.

A cachoeira, se falasse, diria: "Que saudade de quando os lajenses vinham pra cá!". Eram dias gostosos, menos o domingo, que era dia de na casa da vovó almoçar.

Ainda sinto pena do escravo que foi arrastado pelo seu senhor, a quem ousou desonrar. "Morro do Arrastado, uma cruz nesse lugar hoje está. Velho coitado, sua rebeldia teve que pagar..."

Falando em rebeldia, chegamos a uma conclusão: não se fazem mais jovens como antigamente, não. Eles eram o que ouviam, tinham um não, sem antes perguntar o porquê, sem antes ter explicação.

As visitas à Torre não podiam faltar. Lá eles brincavam, mas hoje em dia é propriedade particular.

Carnavais de belas fantasias, becos e bastante folia vinham o povo animar. Já a Ciranda Esperança, com belas canções na madrugada, vinha o povo acordar.

Políticos menos espertos, menos corruptos talvez, mas o mensalão naquela época, pelo menos, não tinha vez.

E a cervejaria da cidade? Não me lembro, não sei, só que pelas histórias que me contam a rebeldia lá teve sua vez. Com a "noite da garrafada" quebraram todo o lugar, mais um ato de quem queria por seus direitos lutar.

Lugar de bêbados e mendigos amigos, bem-vindos eu sei, a velha Colombina se embelezava sempre mais uma vez. Humildade até para pedir esmolas: “Me dá uma pratinha pra linha comprar? Tenho muitas roupas pra costurar”.

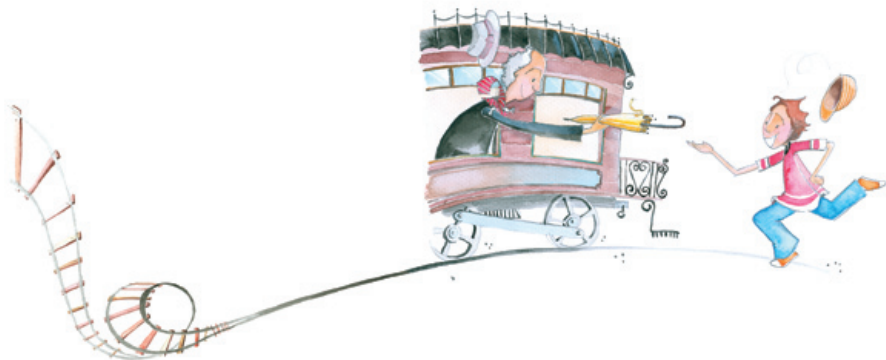
Enchentes... Até que era divertido, as pessoas aproveitavam a piscina natural para se banhar, os churrascos nessa ocasião não podiam faltar.

Independentemente de classe ou cor, os jovens tinham uma cultura a honrar, pois a escola de música, eles iam freqüentar, não por obrigação, mas por uma vontade que vinha do coração.

O prefeito “pé-de-chinelo” mostrou que na prefeitura tinha o seu lugar, mostrou ao povo sua humildade, humildade de quem soube governar.

Fica até bem difícil com os dias de hoje comparar, as coisas se perdem quando os anos nas costas vêm pesar.

A nostalgia minha mãe sente quando as histórias vem me contar, de coisas tão maravilhosas que viveu nesse lugar.



## *Simplex, mas minha!*

Aluna: Malena Alves da Silva

João Florindo, carinhosamente chamado de Nino, é uma daquelas pessoas que conhecem como ninguém as velhas histórias da nossa cidade. Vive sempre rodeado de gente a contar seus “causos”, e foi assim que me falou de sua infância numa época em que a cidade de Aliança era bem diferente do que é hoje.

“Eu acredito que não houve criança mais feliz do que eu. Sempre tive o que sonhei: liberdade! As ladeiras do Engenho Mata Limpa eram o palco das brincadeiras mais doces da minha infância. Quantos tombos a bordo dos carrinhos de rolimã, que eu mesmo fabricava com a ajuda de velhos amigos.

Na escola não foi diferente! O Grupo Escolar Professora Joaquina Lira, no pátio rodeado de poucas casas, algo muito diferente do que os meus olhos alcançam hoje. Como eram maravilhosas as manhãs chuvosas e nós a jogar bola naquele recreio que durava meia hora. Logo depois, os banhos no açude, descendo as ladeiras e dando cangapés – espécie de saltos ornamentais –, e a água a nos envolver, numa temperatura que mais parecia o ventre materno.

Bons tempos aqueles em que podíamos dormir sossegadamente e deixar as portas abertas e a certeza de que nada de mal aconteceria! A violência ainda não havia chegado por aqui e até mesmo os carnavais eram pacíficos e acho que eram o maior evento da nossa cidade. Era uma alegria só! O famoso melamele, muito comum naquela época, envolvendo a multidão num verdadeiro banho de talco, farinha, água limpa e muita alegria. A noite era coisa para gente grande: os bailes no Mercado Público, que se transformava em palco de festa. Que saudade do Boi da Milonga, que arrastava os foliões pelas ruas de barro batido!

Tudo era tão diferente! Nos domingos à tarde, as pessoas mais velhas costumavam sentar-se em frente da Igreja do Rosário – primeira de nossa cidade. Ficavam a prostrar – uma grande festa! Todas as noites, lá íamos nós à velha igreja. Dessas longas caminhadas, tenho gravada em minha memória uma bela imagem: o céu iluminado e a lua a brilhar por trás de um coqueiro. Acho que nunca vou me esquecer de tamanha beleza.

Lembro-me também com carinho da velha casa onde nasci, em frente à Prefeitura Municipal, numa rua em que não havia calçamento e a poeira subia quando passava a sopa – espécie de ônibus da época que levava as pessoas à capital. Eram horas de viagem até Recife! Quantas viagens! Nas férias costumava ir para a casa da minha tia. A antiga estação era um movimento que só vendo! O trem, meio de transporte mais freqüente naquela época, era puxado pela maria-fumaça. A janela do trem era como um televisor de hoje. Não tínhamos televisão e era espetacular ver a paisagem correndo ao nosso encontro e o vento a soprar um sonho de liberdade.”

*(Texto escrito com base na entrevista realizada com João Florindo de Queiroz, professor, 59 anos, morador desde sempre da cidade.)*



Professora: Joana D'arc Gonçalves Silva   Escola: Escola Dom Bosco   Cidade: Aliança – PE

## É bom recordar...

Aluno: Gian Carlos Poletto

Lembro-me de que tínhamos uma vida sofrida, com muito trabalho pesado. Levantávamos cedo para cultivar a terra, lavrando com boi ou cavalo de arado. Capinávamos com enxada as nossas roças novas e plantávamos de tudo, principalmente milho.

Cozinhávamos feijão, arroz de pilão, canjica de trigo socada no pilão – quanto trabalho! Fritávamos a carne de porco para guardar em latas de banha – hoje não se faz mais isso, existem os eletrodomésticos para facilitar. Cozinhávamos tudo no fogão de chapa. O que comprávamos em armazéns era apenas sal, açúcar e querosene; o restante tínhamos em casa – tudo natural.

Naquela época as primeiras moradias eram casas de tábuas com piso de chão batido, colocadas sobre cepos e cobertas de tabuinha. Não tinha ruas, muito menos praças. Os homens faziam mutirão e arrumavam as estradas. Nós não destruíamos a natureza – não como se faz hoje –, apenas derrubávamos matos para fazer roças e para usar a madeira como lenha.

Na escola tínhamos que decorar um livro. Estudávamos todos na mesma sala com um só professor. Tínhamos medo dos castigos, como a palmatória e o joelho no milho; por isso respeitávamos muito os professores. Escrevíamos em uma pedra com um giz e para apagar usávamos um pano. Não tinha cadeira, sentávamos todos em um banco. Nossas brincadeiras favoritas eram o passa-passará, jogos como bola, barra-manteiga, esconde-esconde... As brincadeiras eram mais sadias, diferentes das de hoje.

As mulheres faziam as roupas para toda a família. Elas usavam um vestido comprido. Calça? Nem pensar! Os homens usavam bombachas ou quilote e nos pés calçavam um tamanco de madeira e couro.

O namoro daquela época era bem diferente do de hoje, pois os pais nunca deixavam os namorados sozinhos. O rapaz vinha à casa da namorada e não tinha beijo. Os mais ousados “roubavam” suas amadas. Em relação aos pais, havia uma obediência total – só o olhar deles bastava para entendermos. Tínhamos que ter muito respeito com papai e mamãe.

Comemorávamos as festas de São João com pipoca, amendoim, fogueiras, e todos se confraternizavam. Batíamos surpresas – vizinhos combinavam e iam visitar um amigo desprevenido –, havia muita festa e comilança, e festejávamos o Natal e as festas tradicionais das igrejas. Uma comemoração importante foi quando fizeram a escola e a Igreja no Barro Preto.

Nossa vila, o Barro Preto, começou com a Igreja Católica – de madeira –, com uma casa de comércio, uma igreja evangélica, uma serraria, uma olaria e um salão de bailes. Os primeiros habitantes eram imigrantes alemães e italianos, eram as famílias Shivinki, Gacho, Räder, Govari...

Lembro-me que no dia 20 de agosto de 1965 caiu neve, muita neve – achei que a casa ia cair! Matou muita criação e derrubou muita árvore. A neve somente derreteu quando começou a chover. Além da neve, outro fato que trago vivo na lembrança é de um ônibus que tombou sobre o rio Faxinal, resultando em dezenove mortes. Foi horrível...

O tempo passou depressa, muitas coisas mudaram, hoje tudo está tão diferente! Tanta modernidade, tecnologia que quase não consigo acompanhar. Apesar de tudo, vivo feliz com as lembranças da minha juventude.

*(Texto baseado na entrevista realizada com dona Gilda Rodrigues Bueno, hoje com 66 anos.)*



## *Antes que tudo se apague...*

Aluna: Sheron Ribeiro

Lembro-me bem dos meus tempos de criança, da minha cidade, das emoções vividas, da minha cidade querida... Vejo o filme de minha vida passando diante de meus olhos, as risadas, as lágrimas, os sorrisos, os olhares brilhantes, os amores, os encantos... Ainda me lembro de quando olhava para o céu azul... Campo Largo. Ah, Campo Largo! Lugarejo calmo e pacato, mas que marcará sempre, com sua simpatia e beleza, o coração dos campo-larguenses!

Tempos bons, em que alegria era poder brincar, que encanto era olhar os pássaros, que divertimento era contar estrelas... Ai como era bom, com nossos pequenos olhinhos, fixados e ansiosos, aguardando que nossos irmãos maiores terminassem nossos brinquedos novos! Feitos de retalhos, meias velhas, sabugo de milho... Mas não importava, éramos gente simples, apenas com Deus nos acompanhando, abrindo nossos caminhos, amparando-nos quando necessário.

E é por isso que eu e toda a minha família íamos todos os domingos à missa. Sempre muito religiosos, meus pais nos aprontavam com nossas melhores roupas, com a cheirosa água-de-colônia, lacinhos no cabelo, gravatinha nos meninos e com sapatos engraxados cuidadosamente por meu irmão mais novo.

Bom mesmo era namorar! Como era gostoso, aquele friozinho que subia pelo corpo todo quando pegávamos um na mão do outro! A pior parte era quando chegava o momento de encarar o "sogrão". As pernas tremiam, as mãos suavam, o rosto vermelho de vergonha... Mas estava ali! O pai nos colocava mil restrições, e a que mais nos incomodava era o irmão dela, que nos vigiava todo o tempo. Ele nos colocava preços: um beijinho – 3 balas; pegar na mão – 4 balicas; abraçar – 5 chicletes; olhares prolongados – 1 carrinho de coleção, mas não passava disso! Se fizéssemos mais que isso, o preço era outro: um sermão enorme e uma ex-namorada.

Ainda bem que isso não aconteceu! Nós íamos ao Cine Jóia, depois ao coreto, onde tocavam as bandinhas, comprávamos um jornal, na Banca do Zeca, e sentávamos no banco da praça da Igreja. Era assim, pouco contato, mas muito... muito amor!

Trabalhei muito, dia após dia, com o suor escorrendo pelo rosto para juntar um bom dinheiro, comprar minha casa e me casar com minha querida Luíza.

Finalmente consegui! A alegria estampada em meu rosto mostrava a todos o amor que por ela sentia.

Casei-me, dia especial, totalmente sem palavras, momento sem explicação! Que nervosismo ficar em frente ao altar esperando minha “anja protetora” chegar! Então – depois de minutos de atraso – entra minha noiva, minha esposa, minha mulher! Linda, véu sobre o rosto, cauda longa, vestido bordado à mão... imagem inesquecível.

Casal perfeito, nos amamos muito. Assim vieram os frutos... lindos frutos! Dez filhos maravilhosos, prestativos. Eu, em meu tempo de estudo, ou seja, no tempo certo para se estudar, não tive condições... não tinha mesmo! Por isso dei tudo o que não tive aos meus filhos.

Hoje tenho uma grande, não, não... ENORME família! Orgulho-me de ser descendente de italianos, mas me orgulho mais ainda de ser campo-larquense... povo bom e honesto! Agora, em meu lar, tenho rapazes formados, direitos, legítimos campo-larquenses!

Ah, antes que tudo se apague, agradeço ao Nosso Senhor, que me permitiu ter pessoas tão lindas em minha vida, ter vivido instantes inesquecíveis e claro... registrar aqui minha caminhada, antes que o futuro os apague.

Aí vai uma dica: antes que o belo se apague, viva a vida como ela é!

Abraços... de um alguém.

## Sabor de algodão-doce

Aluna: Camila Maria Romanichen

Os dias vão se passando, ontem criança, depois jovem, hoje mãe e daqui algum tempo vovó... E no passar dessas fases da vida ao nosso redor nossa cidade foi se transformando, a chegada do asfalto, a viagem, a vinda de tios e primos. Ah, que saudade! Como era bom esperar por eles. Agora tudo tornou-se mais fácil, já tem asfalto, a preocupação com a viagem diminuiu.

Naquela época as férias eram ainda mais esperadas, brincávamos muito. As tardes pareciam encantadas, “bets no ombro”, “queimado”, “pega-pega”, e quando chovia escorregávamos na lama, o subir e descer das pitangueiras era sagrado, pois o cheiro irresistível da fruta nos envolvia e logo estávamos todos nas copas lambuzados. Não ficávamos como agora, paralisados em frente a máquinas, deixando o tempo escorrer vazio pelas mãos.

Nos domingos a compra de algodão-doce era sagrada, a rua, às vezes embarrada pela chuva, era o caminho mais encantado que passava. Hoje quando passo por lá, observando as calçadas, as lojas, as pessoas apressadas, parece que ainda avisto na esquina o seu Ambor com seu carrinho cercado pela criançada, que para mim adoçava ainda mais as tardes no parquinho que ficava na praça principal da pequena cidade. Ali, sim, realizávamos nas balanças, no roda-rodinha, gangorra, vai-e-vem, escorregador, até tínhamos uma pequena, mas para nós uma roda-gigante. Tinha a roda-estrela, que beleza! Voávamos e não pensávamos em nada. Havia crianças de todas as idades, eram gritos, gargalhadas. Nossos pais sentados nos bancos, embaixo dos enormes eucaliptos, conversavam com os conhecidos, nos vigiavam e bastava um olhar para que parássemos com as traquinagens e voltássemos a nos comportar.

O momento mais triste era o anoitecer, hora de ir para casa, chega de brincadeiras. Agora era só o outro domingo chegar. Eu, com certeza, estaria logo cedo subindo nos vãos do cantinho da cerca do quintal de nossa casa para sondar se a criançada já estava lá, se o algodão-doce estava garantido, o coração batia forte. Ufa! Tudo perfeito, agora era só aguardar os amigos.

Eu cresci, não teve jeito, não deu para segurar o tempo, assim como não deu para evitar o progresso... o parquinho desapareceu. Agora, ali temos a Câmara de

Vereadores e no espaço da roda-estrela foi construído o Centro Cultural, locais onde muitos que brincavam no parquinho hoje lá trabalham, e, porque não dizer que ainda sonham!

Assim os dias foram passando, minha Pitanga, cidade pequena, cidade média, um dia talvez cidade grande. Cresci e agora posso dizer que a amo do jeito que é, empoeirada, barrenta, o lugar onde vivo e sou feliz, onde com meu primo brinquei no parquinho até o entardecer...

*(Texto escrito com base no depoimento da sra. Cirléia M. A. Romanichen, de 44 anos.)*



Professora: Mery Terezinha Arruda dos Santos | Escola: Colégio Estadual Dom Pedro I | Cidade: Pitanga – PR

## Minhas lembranças... Minha vida

Aluna: Renata Gaspar da Silva

Quando olho meu álbum de fotografias, recordo-me de quando saí de Souto Soares (BA) com a esperança de uma vida melhor. Assim que cheguei a um vilarejo chamado Lageado percebi que era um lugar calmo, aconchegante e que poderia construir minha vida nesse lugar.

Lembro-me de quando não tinha quase nenhuma casa em Guiratinga, que, alias, se chamava Lageado, principalmente onde hoje é o bairro Tancredo Neves.

Havia muitos terrenos em que predominava o cerrado. A energia elétrica, que era produzida por um gerador, não chegava a todas as casas, somente aonde hoje é o centro da cidade, que era todo iluminado.

Minhas irmãs e eu costumávamos brincar de boneca de pano, de louça e de sabugo de milho. Brincávamos pouco, porque tínhamos que trabalhar para sobreviver.

Eram épocas difíceis. Ir para a escola era proibido porque os pais tinham medo de que as filhas escrevessem cartas para os rapazes. Namorar tinha que ser escondido; então, o jeito era usar a criatividade. Fazíamos um buraco na parede do nosso quarto e ficávamos olhando os filhos da vizinha brincar no quintal. Quando nossos pais entravam no quarto, escondíamos esse buraco com sacolas, panos... qualquer coisa. Abraços e beijos... isso era impossível – só depois do casamento.

Com tanta rigidez, o único momento de alegria eram as festas que se chamavam “bailes”. As roupas que vestíamos eram feitas com seis varas e meia – seis metros e meio de pano.

Nessa época conheci muitas pessoas, inclusive meu amigo Diocleciano Dias da Silva, popularmente conhecido por Barbado.

Barbado era um soldado da Coluna Prestes que lutou na Bolívia e no Brasil para defender Mato Grosso dos revoltosos, e também defendia seus amigos. Muito valente, não tinha medo de nada. Por sua honestidade, valentia e coragem, ele era muito respeitado pelas pessoas.

Das várias aventuras de Barbado, contarei somente uma, que também é muito interessante.

Um dos revoltosos raptou uma mulher branca pelo fato de ser casada com um homem negro; ele colocou-a no seu cavalo e quando ia atravessar o rio com a

mulher começaram a gritar pelo Barbado, que se encontrava nas proximidades. Escutando o pedido de socorro, ele saiu em disparada.

Quando viu aquela cena, ele pegou a sua arma e atirou na cabeça do revoltoso, e então a mulher pôde voltar para o seu marido. Esses revoltosos eram pessoas que roubavam e matavam só por prazer.

Infelizmente Diocleciano morreu em janeiro de 1982, deixando muita saudade para a sua família e um grande exemplo de bravura para nós.

O tempo passou e hoje estou aqui: tenho netos, bisnetos e tataranetos, e espero viver muito tempo para contar e recontar as histórias que vivi.

*(Texto escrito com base na entrevista com Ana Rosa de Novaes, 93 anos – Guiratinga – MT.)*



Professora: Luciana Ferreira Carbonato Escola: E. E. E. F. Luiz Orione Cidade: Guiratinga – MT

“Olê, caatinga olê, lê...  
Deixa o rei passar,  
Deixa o rei passar,  
Arreda, minha gente,  
Deixa o nosso rei passar.”

Sou cantor e catopé, canto a vida do meu povo. Os versos da minha melodia são carregados de histórias e os batuques do meu tamborim lembram o barulho dos negros, da minha gente, construindo: casas, muros, cidades, igrejas. Igrejas de pedra, forradas de ouro, impregnadas de humilhação e sofrimento.

Eu vi a fé da minha gente, eu acreditei que as pessoas seriam iguais e vivi para ver uma vida melhor.

Sou filho de um casal de escravos, nasci numa ribanceira das terras de Grão Magal, éramos oito irmãos: cinco “fio homi” e três “menina muié”. A casa era feita de pedras, resultado do trabalho de Dindin, meu avô, e de papai. Algumas paredes eram de enchimento, barreadas a mão.

Minha mãe adorava seu fogão a lenha, a moringa e sua coleção de panelas de barro, que eram arrumadas em sua prateleira. Quando chegavam as visitas, elas já esperavam por seu café, famoso por seu ótimo sabor, servido em bonitas canecas, acompanhado de apetitosas broas de fubá.

Eu cresci ouvindo “causos” de negros, de viajantes, lendas de bolas de fogo, de almas penadas... Cresci ouvindo as melodias do meu pai, acompanhadas da caixa e do pandeiro.

Negro naquela época não tinha vez; não podíamos estudar. Tínhamos a obrigação de ajudar nossos pais. Com apenas 10 anos, os meninos iam para as lavouras e as meninas lavavam bacias e mais bacias de roupas.

Na minha juventude, vim para Francisco Sá, em busca de melhores condições de vida. Trabalhei como cargueiro, se bem me lembro, por dois mil contos de réis. Lembro-me do ar puro, do rio São Domingos limpo, das mulheres lavando roupas e das crianças peladas com seus barrigões.

Naquele tempo, o movimento da cidade começava no primeiro raio de sol, a cidade era um vilarejo conhecido como Brejo das Almas. Era cheio de viajantes vindos do Catuni, das “Cana Brava”, de São Geraldo. Dia de feira era uma verdadeira festa.

O tempo foi passando e com ele vieram as transformações. O ser humano transformou não só a sua condição de vida, mas também seu jeito de pensar.

O mundo para mim, hoje, cabe na palma da minha mão, o mundo ficou pequeno na minha cabeça de velho. Tudo ficou perto e fácil.

Nas noites das festas de setembro, saio com meu capacete enfeitado e minha viola. Eu, Enrique Poeira, 107 anos, oito filhos, vinte netos, 10 bisnetos. Minha poeira de catopé, parece ciscos de mágica, nesta cidade que não coube no mapa, mas transborda em meu coração.



## *Praça: um ninho de alegria*

Aluno: Evandro Rocha Almeida

Já se passaram tantos anos e eu não consigo esquecer a praça que deu e ainda dá alegria para toda a população cacerense.

Naquele tempo, quando eu era criança, eu gostava de ir a um lugar muito especial, com meus amigos, para brincar: era uma praça que tinha apenas um campo de futebol e uma igreja em construção.

Eu me lembro de que nessa praça também se realizavam muitas festas. Uma delas era a festa da cavalhada – representação entre mouros e cristãos. Essa ninguém perdia!

Se bem me lembro, tinha também teatros ao ar livre, roubo da princesa, corridas de limão, guerra dos cristãos, entre outras.

As brincadeiras, comparadas com as de hoje, eram muito diferentes, algumas não são mais praticadas, como a brincadeira do chicote queimado – escondíamos o chicote do nosso colega; se ele o encontrasse, saía dando chicotada em todos nós; parecia que a pele da gente pegava fogo de tanto que doía!

Nas festas folclóricas tinha danças como o siriri – dança em pares – e o cururu – dança em que os homens cantam e tocam a viola-de-cacho (instrumento musical); as comidas eram paçoca de pilão, canjica, farofa e outras delícias que me enchem a boca de água só de lembrar.

Na praça também faziam festas de santo: eram nove dias e só no último dia de novena que todo mundo saía carregando o Santo Antônio – era uma grande tradição que me arrepiava os cabelos, pois os mais velhos diziam que quem não visse seu próprio reflexo na água não alcançaria o próximo ano.

Lá pelos idos de 1948 fundei uma escola, o Colégio Onze de Março, para ajudar a população a ler e a escrever. Fui o diretor e o primeiro professor. Para homenagear minha infância feliz, fundei uma praça denominada Cavalhada.

Hoje, com os meus 84 anos de idade, vejo que a praça de alegria daquela época se tornou a linda Praça Barão do Rio Branco, situada no centro da cidade de Cáceres, em Mato Grosso, que atrai muitos turistas por causa das festas como o Festival Internacional de Pesca e por causa de sua enorme beleza, pois esse “ninho” fica no Pantanal Mato-grossense.

*(Texto escrito com base na entrevista com o professor Natalino Ferreira Mendes, aposentado, 84 anos, e é cacerense.)*

## Reencontro com Boa Esperança e o mundo à sua volta

Aluna: Jamin Cúgola do Espírito Santo

Há muito tempo, mais precisamente em 1950, nasci eu, João Cúgola da Silva, o quinto filho da união de Armando e Delcina. Foi me dado o nome de João porque nasci no dia de São João Batista. Naqueles tempos tinha-se o costume de nomear os filhos em homenagem ao santo comemorado no dia.

A cidade de Bicas era tranqüila, pacata, com no máximo quatrocentas casas e levada por seu ritmo rural.

Como de costume, a meninada adorava jogar bola nos campinhos espalhados pela roça. Era uma das nossas maiores distrações.

Naquele tempo, tudo era comandado por coronéis. Estávamos ainda na época do café, apesar da queda. No sítio, conhecido pelo grande cafezal, vivíamos eu, minha mãe, meu pai e quatro irmãos, que viriam a se tornar onze quando passamos a morar no Sítio Boa Esperança. O sítio localizava-se no bairro José Alfredo Garcia e ficava longe do centro da cidade.

As estradas eram de chão como as ruas mais afastadas. Não havia energia elétrica, só fracas luzes de lampiões e lamparinas. Não havia geladeira, televisão, rádio ou qualquer outro aparelho eletrônico. A vida era simples: leite tirado na hora, verduras colhidas na horta, água da talha ou moringa e carne na gordura para conservar.

As casas eram de assoalho de madeira ou de chão batido e tijolos de barro. Nos telhados eram colocadas telhas canoa. Havia casas chamadas de sobrado, onde moravam as famílias abastadas. A cozinha de nossa casa era grande, com enormes bancos de madeira e fogão a lenha. Era o lugar onde se ficava entre o “mode quê” e o “esquenta fogo”. A minha casa era humilde, de chão batido, telha canoa, quartos pequenos, com colchão de palha. Na cozinha mamãe recebia as “cumadres” de roça com toda a cordialidade e apreço.

O comércio era composto principalmente por armazém, açougues, farmácias, padarias e poucos bares. Lembro-me do nome de alguns donos, como: sr. Armando, Aquiles, Vilela, Zé de Brito, Brás Agreli, sô Júlio, Zé Rosinha e dona Sinhá. Havia o costume de ir toda semana buscar as compras que papai fazia no Armazém do Turquinho. Aliás, antigamente, as compras eram semanais, e

muitas vezes levadas em sacos de mauá ou em carroças. Muitos tratavam de fazer as compras em um mesmo dia para que fossem entregues em carroças – tudo anotado na caderneta, que era pago no final do mês, e recebia-se um brinde do comerciante pelo pagamento pontual.

Eu era um molecote sossegado, brincava com meus irmãos de coisas que inventávamos. Eram carrinhos de carretel, zorra e bolas de meia. Não se compravam brinquedos. Andava-se através das trilhas que serpenteavam as montanhas. Criavam-se porcos, galinhas nos quintais. Fui para a Escola Coronel Souza com sete anos. Estudei até a quarta série com as professoras Ione, Amélia, Edna, Ednéia e Eloísa.

Comecei a trabalhar muito cedo, com quinze anos, na Fábrica de Sapatos Almirante.

Naqueles idos, as roupas eram feitas em casa. Comprava-se apenas o pano e levava-se para a costureira fazê-las. As mulheres só usavam vestidos ou saias e os homens, calça e camisa. Havia alfaiates, engraxates, lavadeiras e também catadores de café, mas a profissão que empregava mais gente era a de ferroviário na Estrada de Ferro Leopoldina, onde a maioria dos biquenses trabalhavam.

Nós nos reuníamos no Natal. Havia muita fartura, simplicidade e alegria.

Nos finais de semana, as famílias se reuniam nas portas das casas para conversar. As épocas mais festejadas eram as festas juninas e o carnaval. Fogueiras se espalhavam pela cidade e as maiores e mais importantes eram as das famílias Varanda e do sr. Cecáreo.

As pessoas acreditavam em almas penadas, lobisomem e mula-sem-cabeça. Ouvia várias histórias do meu pai e da minha mãe. Morria de medo!

Enfim, o tempo passou e hoje vejo o progresso que tomou conta do mundo e da minha pequena cidadezinha. Sou feliz assim, com minha família e a vida que levo.

*(História baseada no depoimento de meu avô, João Cúgola da Silva, de 58 anos, na cidade de Bicas, MG.)*

## *Dos sabugos de milho às bonecas de plástico*

Aluno: Wellington Pereira Moura

Lembro-me da chuva que caía no chão escuro, aquele cheiro forte nos atraía e corríamos para nos banhar nos grotões – buracos cheios de água e barro. Quando a chuva passava acabava a alegria. O chão rapidamente secava, o vento soprava tranqüilamente (ah, que tempo bom!), tempo de casas de palha com porta de esteira, amarrada com cordão, diferente de hoje. Naquele, casa de barro só era para gente rica.

Não esqueci as vezes em que meu pai me levava com meus irmãos para a roça, eu e minhas irmãs éramos umas diabinhas, arrancávamos os milhos verdes, que meu pai com muito suor plantou, só para fazer bonecas. O pior era que elas secavam rápido e tínhamos que arrancar mais milhos verdes. Meu pai começava a suspeitar do desaparecimento dos milhos.

Chegando ao bairro Laranjal, recebido o nome devido a vários pés de laranjas. Perto de casa a velha estrada, coberta por mato e árvore. Ao sentar em casa, minha mãe lá estava no fogão de três pedras, com lenha, e como sempre a única panela de ferro. A esteira – tipo de artesanato feito de palha – lá estava no chão com nossos pratos de esmaltes, com arroz com gosto de fumaça, o feijão de sempre e o velho tira-gosto: carne de tatu (ah, que gostosas lembranças!).

Naquele tempo, não existia carro, moto ou bicicleta; o jeito de viajar era a pé ou a cavalo.

Energia elétrica, nem em sonhos; usávamos naquele tempo um candeeiro – uma lata com um fio de algodão e óleo de mamona.

Água para beber era só no poço perto de casa, no qual entrávamos descendo uma escada de cipó.

O banheiro naquele tempo era “entrar nos matos” e pronto, Além de agüentar os mosquitos, tinha que agüentar também a zombaria dos meus irmãos, que gritavam: “Já vai pagar o ferreiro!” Eu não entendia o que significava, mas depois que descobri... fiquei com uma raiva!

Hoje não posso mais me divertir como antes, o tempo passou e tudo aqui mudou: novas tecnologias foram inventadas, as casas de palha foram substituídas pelas de tijolos e telha, as bonecas de sabugo de milho, pelas de plástico. (Que tempo bom eu vivi!) Lembranças que nem mesmo o tempo vai apagar de vez da minha memória.

Professora: Arlete de Souza Medeiros Escola: Centro de Ensino Antônia Correa Cidade: Esperantinópolis – MA

## Os músicos do entardecer

Aluna: Lorrana de Oliveira Peres

Ao me ver rodeada de adolescentes ansiosos e curiosos em saber os valiosos segredos de minha infância, observo a expressão facial de cada aluno, que mais pareciam anjos, com perguntas cativantes, que me prendiam a eles, ou nas histórias do bairro Ouro Preto, onde vivo desde os três anos.

Por baixo do pátio daquela empresa de ônibus, a Gontijo – empresa que faz trajetos intermunicipais e interestaduais –, há muitas histórias. Existia ali um enorme manguezal, que era o meu refúgio e de todas as crianças daquela época, um lugar onde a magia era constante e eterna.

As mangueiras pareciam músicos e bastava subir nelas e esquecer as dificuldades que vivia naquela época. Suas galhas balançavam ao ritmo do vento e com o silêncio da tarde eu escutava uma linda melodia, que encantava minha alma e sossegava meu coração. Quando a noite ameaçava, era preciso ir embora, pois naquela época não havia luz no bairro Estádio, como era então chamado o bairro Ouro Preto.

Também não havia água, e todos os dias, com o olhar ainda de sono, eu me levantava às cinco horas da manhã para buscar água na bica – pequeno canal que trazia para a superfície a água dos lençóis subterrâneos –, bem longe da minha casa.

Enfrentando um caminho de medo e desafios, eu e meus dois irmãos menores seguíamos abrindo talhas no imenso matagal que então dominava todo o bairro. Quando voltávamos, o cansaço estava estampado em nossos rostos e, sem tempo para descansar, era a hora das tarefas domésticas: limpar, cozinha, lavar...

E então corríamos para o manguezal; lá, sim, era o lugar perfeito para nós, crianças, que nos deliciávamos com a fruta que as mangueiras ofereciam, ou quando elas erguiam seus longos braços acolhedores. E, quando os músicos ficam rodeados de crianças, eles começavam a cantar em sintonia com o vento e com a luz do adormecer do sol, pois os grandes manguezais faziam o dia adormecer e cantavam a chegada da lua, que mais parecia uma pérola gigante.

Ali, naqueles manguezais, foi que conheci o pai dos meus filhos, era ali que nos encontrávamos até nos casarmos.

Os anos se passaram, e com o tempo chegou a grande empresa de ônibus, acabando com o meu refúgio de magias e encantamento, mas trazendo muitos empregos e progresso para o bairro.

Ainda hoje, quando passo perto da Gontijo ao entardecer, ouço a melodia daquelas árvores gigantes, que todos conhecem, mas que para mim são os grandes músicos que encantaram a minha infância.

Quem sou eu?

Sou Laureci, uma sonhadora com alma de criança, com lindas histórias escondidas sob o pátio de uma empresa de ônibus de viagem que fica no bairro Ouro Preto, na região da encantada Pampulha, em Belo Horizonte, capital de Minas Gerais, terra de montanhas e mistérios.

*(Texto escrito com base na entrevista realizada com Laureci, 48 anos, de Belo Horizonte, Minas Gerais.)*



Professora: Marilene de Fátima Silva Escola: E. M. Carmelita Carvalho Garcia Cidade: Belo Horizonte – MG

## *No remanso da maré*

Aluna: Tatyane da Silva Teodoro

Não foi tão fácil fazer seu Antônio, de 68 anos, lembrar suas memórias, pois ele, entre lágrimas, recordava-se melancolicamente da maior tragédia de sua vida. Mas aos poucos foi contando. Só o ouvia atentamente, juntando cada fato como se fossem peças de um grande quebra-cabeça:

“Na época dos meus 13 anos, 1953, vivi em um bairro próximo ao Forte São José de Macapá – quando ainda não era considerado Patrimônio Histórico –, lugar calmo onde moravam comerciantes, ribeirinhos pescadores, vendedores ambulantes e uma certa variedade de pessoas. Nossas ruas eram pontes de madeira – perigosas aos olhos dos adultos, mas divertidas aos nossos olhos infantis –, abaixo delas, quando a maré secava, no final da tarde, pulávamos de pés descalços naquela terra molhada, que por sinal era muito fofa! Ali corríamos e brincávamos sem limites, até ouvir a voz de nossos pais nos chamando... Época boa aquela...

Neste extinto bairro, Remanso – nome dado ao movimento de enchente e vazão do rio (Amazonas) que banhava o bairro –, vivi com a minha família por muito tempo. Lá eu tinha amigos, poucos, mas as melhores amizades que um jovem poderia ter. Com eles passei por momentos bons e também ruins, como o falecimento do meu pai, que foi minha primeira e maior perda. Até hoje me lembro daquele dia em que eu me despedi dele, em plena madrugada. Ele embarcou num transporte fluvial típico da região e não regressou porque sofreu um trágico acidente: não se pôde salvar muitas vidas, pois era madrugada.

Quando a notícia chegou – Que sofrimento! Que dor! – eu e minha mãe ficamos muito abalados. Choramos. Abraçamo-nos. Foi muito chocante para nós, não esperávamos que tal situação pudesse acontecer!

A partir daí fui criado pela figura materna que soube me educar para que eu tivesse um desenvolvimento saudável, sem ter que me drogar e me lançar na marginalidade.

Consegui passar pela fase mais crítica do ser humano, a adolescência, aproveitando o que a cidade oferecia naquele tempo. Meu lazer eram as tertúlias – festas dançantes feitas ao ar livre –, o extinto Cine João XXIII – hoje o

lugar é uma farmácia – e, em casa, ouvia sucessos dos cantores que, naqueles idos, estavam no auge – Roberto Carlos e Altemar Dutra.

Aconteceram muitas mudanças no meu bairro no aspecto urbano.

No governo de Anníbal Barcellos – governador da época em que o Estado ainda era território – os moradores do meu bairro foram remanejados para o atual Nova Esperança. Quando cheguei a esse bairro me admirei com as casas, pois eram todas de madeira e do mesmo modelo, bem diferentes daquelas onde eu vivia.

O tempo passou... Meu antigo bairro foi aterrado. Hoje já não mais existem pescadores, lá se encontram lojas famosas, muito visitadas, contrastando-se com os camelôs e os vendedores ambulantes, que se misturam ao corre-corre frenético do dia-a-dia das pessoas. Aquele lugar bonito deu espaço a um bairro movimentado, hoje, o centro da cidade.”

Quando releio o que escrevi vejo o quanto aprendi com essa brincadeira de memória, pois o presente e o passado se completam num vaivém como no remanso da maré do majestoso rio Amazonas.

*(Texto escrito com base na entrevista realizada com o sr. Antônio Gonçalves, de 68 anos, morador do bairro Nova Esperança, em Macapá, Amapá.)*



## Marcas de uma mudança

Aluna: Aléxia Duarte Torres

Era um lugar encantado, meu paraíso infantil. Aquelas extensas ruas de areia, trazida pela força daquele lindo e imenso mar que cercava a cidade, foram a nossa principal paisagem durante décadas. As dificuldades apareciam e deixavam meus pais, por mim considerados heróis, incapazes de resolver alguns problemas. Apesar de tudo, a felicidade prevalecia em nossa vida.

Durante toda a minha juventude, por volta de 1944, vivi preocupado com o meu time de futebol, o Ipiranga Futebol Clube. Lembro-me de que naquela época, modéstia à parte, era considerado um bom jogador. Minha vida se resumia ao futebol, a soltar pipa com amigos e a brincar de bolas de gude. Recordo-me também dos tempos de escola, onde era impossível esquecer a tão temida “palmatória”.

Marataízes, a Peróla Capixaba, cidade litorânea, pequena em tamanho e grande em riquezas naturais e culturais, proporcionou-me um encontro com a bela Erecê, a mulher da minha vida, que viria a ser minha esposa no futuro. Na época da paquera, saíamos para tomar sorvete, flertar, dançar na Choupana, lugar onde havia muita música e diversão, ao som dos famosos discos de vinil tocados pela vitrola, muito freqüentado. No verão, íamos pescar, nadar nas lagoas e aproveitar a praia onde havia um mundaréu de turistas passando férias.

Encantava-me cada vez mais por minha amada, já estávamos pensando em nos casar. Minha mentalidade crescia, os problemas surgiam, e eu precisava sair da dependência dos meus heróis de casa, para também me tornar um herói – herói da minha própria casa.

Diante daquelas situações, trabalhei vinte e cinco anos na Estrada de Ferro; por cujos trilhos passava a grande locomotiva, um meio muito utilizado pela pequena população de meu município. Pobres e ricos utilizavam o trem para se locomoverem. Também passei parte da minha vida projetando filmes numa pequena sala que funcionava como cinema, o Cine São José, na Barra.

Lentamente fui estruturando minha vida e minha família, e assim conseguindo o que eu queria. Tive filhos e, talvez pela preocupação de criá-los e não deixar que nada lhes faltasse, vi-me perdido nas confusões da vida e fui dominado pela

incapacidade de perceber as mudanças que estavam ocorrendo. Encontrei-me em uma nova cidade, onde as casas feitas de estuque de barro foram substituídas por tijolos e cimento; água captada do rio Itapemirim e levada diretamente para minha casa passava agora por vários tratamentos; a energia, ausente na casa das pessoas, já se fazia presente em todas; os dois “coréias” – nomes que se davam aos dois ônibus que faziam todas as rotas do município – foram trocados por vários ônibus, cada um deles com suas rotas definidas, o sistema de urnas de papelão transformou-se no sistema de urnas eletrônicas; as ruas sem veículo nenhum agora estavam ocupadas por eles; do trapiche, antes movimentado por cafeicultores, madeiros e enormes navios de transporte, só restaram ruínas à espera de restaurações.

Se bem me lembro, a poeira pairava sobre o ar, a brisa apresentava-se em dias de outono. Sentindo saudades dos meus velhos tempos, vivo de acordo com o presente, num tempo onde a tecnologia e a confortabilidade prevalecem. Em meio aos meus diversos aparelhos tecnológicos e modernos eletrodomésticos, como computadores, televisões e celulares, vivo numa era onde a simplicidade e a cumplicidade deixaram de existir e a individualidade tomou conta de todos.

Vou acostumando-me à nova maneira de viver, encarando novas realidades, ganhando experiência a cada novo dia, quebrando barreiras e assim construindo pontes para o futuro. Meu nome é Albério, tenho 74 anos e este é o lugar onde vivo.

## Metamorfose urbana

Aluna: Romana Alves Silva

Sempre vivi aqui em Mulungu e fui testemunha da verdadeira metamorfose que essa cidade sofreu. Lembro bem como tudo era há oitenta anos. Vivíamos apenas em um pequeno povoado, coberto por um grande lençol verde, onde tínhamos frutas em abundância e se podia ouvir o canto dos pássaros a todo instante.

Eu era só uma criança sonhadora, que gostava de olhar a paisagem e brincar com os amigos. Amigos esses que guardo até hoje na memória, ocupando um vasto lugar em meu coração.

Cavalinho de pau, pião eram os brinquedos preferidos dos meninos, já as meninas preferiam brincar com bonecas de pano e fazer guisados, como elas chamavam a comidinha das bonecas. Mas o bom mesmo era o galamarte. Com ele eu sonhava voar a cada subir e descer daquela gangorra improvisada. Sem falar de quando brincávamos todos juntos de roda, cantando músicas alegres e divertidas. Aliás, era o que mais fazíamos no caminho para a roça, quando saíamos para trabalhar. Trabalho duro aquele, mas era o jeito. Apesar de sermos apenas crianças, tínhamos que trabalhar para sobreviver. Lembro-me bem de quantas vezes deixei de ir à escola porque estava trabalhando. Na verdade, nem existia escola, estudávamos na casa do feitor, com as cartas do ABC e as cartilhas.

O pior de tudo eram as estradas que também não ajudavam, era tudo carroçal, barro puro. Como não existia nenhum tipo de transporte aqui, íamos a pé mesmo. Até quando as pessoas adoeciam eram levados em redes amarradas em bambus. Os mais ricos eram levados em cadeiras carregadas por quatro homens, que tinham que ir caminhando até a outra cidade. Tudo isso porque aqui não tinha hospital.

Porém, muito tempo passou, eu cresci e vi a cidade mudar. Casas, escolas e até hospital, tudo melhorava. A vida começava a ficar mais fácil para nós. Recordo-me muito bem de um pequeno quiosque que construíram aqui, era o único lazer que existia, mas só ficava aberto em dias de festa, como o reisado. Foi num dia desses que conheci meu primeiro amor, fruto de uma grande amizade que tive. Foram bons tempos, até que eu casei e tive filhos. Então a responsabilidade começou a pesar. Mas é claro que esses momentos foram os melhores de todos e ficarão guardados para todo o resto da vida.

Hoje eu vivo das lembranças que me restaram daquela época. Os meus filhos cresceram e formaram suas próprias famílias, dando-me uma porção de netos. Eles são muito felizes e por isso eu fico feliz e orgulhoso da família que formei.

Só que, quando eu olho para essa cidade e vejo toda aquela mata exuberante sendo substituída por casas e mais casas, a violência crescendo cada vez mais, tomando conta do lugar, me aperta o coração.

Mesmo assim, se eu pudesse voltar atrás, eu tentaria evitar que tudo isso acontecesse, mas também reviveria todos aqueles momentos inesquecíveis, que foram os mais felizes da minha vida. É por isso que eu digo que sou feliz, porque eu cheguei ao lugar mais alto na torre da vida, um lugar onde só existe felicidade, a felicidade que eu fiz nascer dentro de mim há mais de 80 anos.

*(Texto baseado na entrevista com Manuel Alves dos Santos.)*



Professora: Aurileide Moreira Gomes Escola: E. E. F. Hermenegildo Rocha Pontes Cidade: Mulungu – CE

## Um sonho de menina

Aluna: Ilzamara Oliveira Santos

Nasci em um lugarejo chamado Limoeiro, interior do município de Coroatá, na era de 1953. Minha casa era simples, humilde, bem pobrezinha. Não tínhamos muitos móveis, apenas três tamboretos – banquinho de madeira –, um pote, nem bileira (mesinha para colocar o pote) tínhamos. Meu pai pegava dois paus, enfiava-os no chão, colocava uma tábua em cima e depois colocava o pote. Também não tínhamos mesa para fazer nossas refeições. Mamãe colocava no chão uma esteira – objeto feito de palha de coco babaçu –, onde famintos e alegres comíamos com gosto. Nunca me esqueci das comidas da mamãe, comidas feitas no fogão a lenha.

Ah, que gostinho inesquecível!

Todo dia minha mãe nos levava, eu e meus irmãos, para a roça; ela e meu pai ficavam quebrando coco (fruto de uma palmeira maranhense), enquanto eu, meus irmãos e outras crianças, filhas de outros lavradores do lugar que também iam para a roça, íamos brincar. Nós brincávamos de pular corda, esconde-esconde, brincadeira de roda e boneca. Nós fazíamos nossas bonecas de sabugo de milho. Muito diferente das brincadeiras de hoje, que também devem ser divertidas para as crianças, mas eu acho que as de minha época eram especiais, porque tinha o toque especial e pessoal, a marca de cada criança, por isso mais significativas. Quando a tarde chegava, íamos tomar banho no igarapé e depois voltávamos para casa. E na ingenuidade de criança voltávamos exaustos e felizes... indiferentes ao cansaço e expressão de sofrimento estampado no rosto dos nossos pais.

Com 6 anos, viemos para Coroatá, pequena cidade do interior do Maranhão. Aqui minha vida começou a melhorar. Lugarzinho simples, na época pouco mais do que uma vila, não tínhamos água encanada, nem energia elétrica; a maioria das casas era de taipa, sem conforto, porém, comparado com o que já havíamos vivenciado, Coroatá era um reino, minha casa, um palácio, e eu, uma princesa que vivia a brincar, tomar banho de bueiro com a menina do bairro, cujo nome Maçaranduba originou-se da planta do mesmo nome que existia em abundância no lugar.

De criança a menina-moça foi um sopro de verão e as brincadeiras de criança eu ainda recordo com saudade... Vieram os impulsos do amor e com um rapaz acabei

casando-me e do fruto do nosso amor uma linda menina nasceu. E uma infância cheia de brincadeira minha filha também viveu, só teve alguns privilégios que graças a Deus pude lhe oferecer, como uma mesa para fazer as refeições e freqüentar uma escola, coisas que não pude fazer.

E hoje conto essa história à minha neta e digo a ela que pode mudar a história de sofrimento e falta de algumas coisas materiais que não tivemos, mas deve manter a tradição de amor, de respeito e trabalho de sua família e com a educação que tem oportunidade de receber, vai mudar a história e o mundo conquistar.

*(Texto baseado no depoimento da sra. Maria das Graças, 55 anos, minha avó.)*

## *Entre recordações da minha terra*

Aluna: Emanoela Bitencourt Varjão

“Nasci em Jeremoabo no ano de 1934. Naquele tempo tudo era tranqüilo. Podia dormir com as portas abertas.

O galo era o despertador da época, era só ouvi-lo cantar, às cinco horas da matina, que pulava logo da cama de colchão de palha, pegava o jeguinho e ia pra fonte buscar água.

Quando chegava à fonte, toda cercada de árvores, ainda era escuro e o sereno caía. Descia do jegue, pegava os baldes e sentava numa pedra. Lá a visão era linda!

Ao aparecimento dos primeiros raios de sol, a água da fonte ganhava um brilho cristalino; os pássaros cantavam, as flores desabrochavam e as árvores ganhavam uma cor verdinha. A luz e o calor do sol tocavam em meu espírito como se fosse um abraço carinhoso de Deus. Aquela sensação era tão boa!

Depois disso, chegava perto da fonte e, com uma cuia de cabaça, enchia os baldes com aquela água bem clarinha. Subia no jeguinho e voltava pra casa.

A estrada não era asfaltada como hoje, era de terra misturada com cascalhos e pedras; ladeavam árvores frondosas e verdejantes. Tudo era calmo, o ar era puro, não havia automóvel com motor barulhento e fumacento.

Em pouco tempo, logo avistava minha casa de pau-a-pique, no centro de um enorme terreiro com mangueiras e goiabeiras, que com suas frondosas copas faziam uma sombra gostosa. Gostosas mesmo eram as frutas! No tempo das mangas então só ficava na sombra da mangueira, pegando uma brisa refrescante, chupando manga. Chupava tanto que minha barriga estufava! Tudo isso era cercado por cercas de pau fincado na terra; para entrar abria a porteira.

Entrava na cozinha, despejava a água nos potes e na moringa, em seguida, hum... Comia o delicioso aipim cozido no fogão de trempé.

Lembro-me também de que quando escurecia entrávamos, eu e meus quatro irmãos, em casa, que era iluminada por um candeeiro, pois não havia energia elétrica. O chão era de terra, as paredes de barro, os caibros e a cumeeira eram tortos e com formato arredondado. Íamos para a sala, colocávamos as cadeiras de madeira com assento de couro no canto, sentávamos em roda no

chão e meus pais contavam histórias, algumas assustadoras, outras nos faziam rir às gargalhadas. Como era bom!

Na hora de dormir, pedíamos a bênção aos nossos pais, rezávamos e, na cama de colchão de palha, caíamos no sono.

Hoje, muita coisa mudou: as árvores foram devastadas, a estrada asfaltada, surgiram novas casas e pessoas, meus pais e irmãos se foram, enfim... Quase tudo se foi, restam apenas as lembranças."

Tudo isso dizia o senhor Sebastião, e, sem saber como, em minha mente, eu era ele, ou ele era eu?

Não sei! Pois aqueles lindos lugares, que eu nunca imaginei existir, insistem em não sair do meu pensamento.

*(Texto escrito com base na entrevista com Sebastião da Silva Passos, 74 anos, morador da Praça da Matriz, Jeremoaba – BA.)*



Professora: Rúbya Purificação de Rezende Carvalho    Escola: Escolas Reunidas Coronel João Sá  
Cidade: Jeremoabo – MA



## Família Parreiras

Aluna: Suzianne Raquel do Nascimento

O que eu vou contar agora mudou minha vida para sempre! Tudo começou em 1962, quando meus pais decidiram mudar para Brasília. Deixar Minas Gerais, a cidade em que vivi toda a minha infância, não seria fácil, mas eu estava pronta para mudar para a capital! As lembranças vieram lentamente, quando minha neta veio fazer uma entrevista sobre o começo de Taguatinga.

Viajei em um trem de ferro. Lembro como se fosse hoje. Toda aquela fumaça marcando o caminho. Fiquei encantada! Estava indo para a capital!

Chegando lá, percebi que tudo estava começando. As ruas não eram asfaltadas como hoje, eram de terra. Quando chovia era uma lama só e no tempo de seca era uma poeira muito grande!

Na cidade em construção havia quase todas as quadras, mas não todas as casas! Havia muitas casas para serem construídas. Eram de madeira, com pouco espaço. Não tinha água, pegava do poço.

Naquela época, desemprego era raro, já que eram poucas pessoas e muito trabalho para a construção. Para ir ao serviço utilizávamos poucas jardineiras – era o tipo de ônibus da época. A vida era difícil! Hospital só havia um e poucas escolas! Em casa o fogão a gás era raridade, eram todos a lenha!

Atualmente não é mais assim! Por todo lado que se olha há vários hospitais e escolas, tanto públicas quanto particulares. A maioria das ruas são asfaltadas! A cidade cresceu, sinto falta da tranquilidade da época.

Nos finais de semana, eu costumava ir a festas de amigos, até que um dia encontrei um jovem muito bonito! Naquele mesmo dia começamos a conversar e marcamos um encontro em um parque. Lá conversamos muito... e assim foram vários encontros! Até que em um encontro decidimos namorar.

Depois de algum tempo namorando, nós nos casamos, tivemos cinco filhos e hoje quatro netos. Construímos nossa casa e crescemos com Taguatinga, formando assim a família Parreiras.

As lembranças se foram com a saída da minha neta.

*(Texto baseado em entrevista feita com Maria das Graças Parreiras de Sousa, de 56 anos, moradora de Taguatinga desde 1962)*

Professora: [Gabriela Maria de Oliveira Gonçalves](#) Escola: [Centro Educacional 05 de Taguatinga](#)  
Cidade: [Taguatinga – DF](#)

## As águas que construíram história

Aluno: Antônio Flavio Sousa Morais

Dos meus tempos de criança guardo vivo na memória a história do meu lugar e com alegria vou lhes contar.

Em 1942, existiu um povoado nas margens de um rio chamado Jaburu. Ali moravam poucas famílias, todas com vida simples, numa época tranqüila, em que o trabalho feito na roça era a atividade maior. Cultivavam milho, feijão e mandioca, que garantiam o sustento desse povo.

Essa comunidade foi chamada Jatobá, Ingazeira, Japitaraca, Juburu e finalmente Águas Belas, sendo a água fonte de inspiração para tão sublime nome!

As famílias eram felizes com seu jeito simples de viver. Tinham amor à terra e nas horas de descanso conversavam em noites de lua clara deitados em tucuns – redes feitas de cipó – armados nos seus alpendres.

Acordavam cedo, antes do raiar do sol, com o canto dos pássaros, o cacarejar do galo e o vento a brincar com as folhas das árvores, tomavam café com beiju feito no fogão a lenha, em panelas de barro. iam para a roça trabalhar, levavam os filhos mais velhos e deixavam em casa os mais novos. Estes brincavam com bolas feitas de tiras de pano, carrinhos feitos de talos de mamona e as meninas com bonecas de sabugo de milho. Ao voltar da roça se reuniam para o almoço, que geralmente era feijão com farinha e rapadura. Descansavam um pouco e em seguida enchiam as cabaças com água do rio e voltavam para o roçado. Era uma luta pesada.

Existia a criação de animais como porcos, galinhas e perus, que também serviam de alimento para as famílias.

Para terem água em casa carregavam cabaças sobre a cabeça apoiadas por rudias – que são protetores feitos de pano enrolado.

Eram dez irmãos na minha família, todos tomavam banho no rio e brincavam em sua correnteza.

Meu pai conseguiu de muito longe um senhor que nos ensinou a ler e escrever na cartilha do ABC. Ele sempre falava: a preguiça é a chave da pobreza.

Perto da minha casa existiu uma fazenda chamada Milhã. Tudo era verde e natural! Esta não mais existe, porque em 1962 veio um projeto do governo

federal que transformou o rio que passava por lá em um açude, começando daí uma nova fase da história do meu lugar.

As famílias dali se mudaram. Uma vila e uma escola foram criadas. Uma multinacional instalou-se em meu carrasco – terra seca. Devido à quantidade de água que há no açude, favoreceu a empresa no cultivo de produtos orgânicos, como acerola, coco e maracujá. Hoje boa parte da população trabalha nessa empresa, ganha salário fixo e muitos moram na vila que pertence à mesma.

A escola mudou bastante, hoje oferece uma educação de qualidade e parceria.

Tudo ficou mais fácil para os moradores, porém não posso esquecer as minhas raízes e meus antepassados. Homens fortes que plantaram neste chão sementes de honestidade, caráter e trabalho.

*(Antônio Flavio Sousa Morais, aluno semifinalista de 2008, texto escrito com base na entrevista com o sr. Antônio Leonel Gomes da Silva, 78 anos, morador de Águas Belas.)*



Professora: Ana Maria de Oliveira Vieira    Escola: E. E. I. E. F. Humberto Ribeiro Lima    Cidade: Ubajara – CE

## A folha do pé de juá

Aluna: Priscila Amorim Ferreira

Existem várias formas de conhecer a história de um lugar, seja por meio de documentos, seja por livros ou fotos. Porém, a maneira mais interessante é a partir da vida de um antigo morador. Assim, escolhi seu José, que nasceu e foi criado no sertão paraibano. Nosso encontro foi embaixo de um pé de juá e esta mesma árvore foi o ponto de partida da história desse homem simples e gentil.

“Eu nasci em uma casa à sombra de um pé de juá que ficava no sítio Juazeirinho. A casa era pequena e feita de taipa, tipo de casa construída com barro e madeira, tínhamos poucos móveis, não tínhamos camas, pois dormíamos em redes, o fogão era a lenha e a água era armazenada em grandes potes de barro. Lembro-me de que ficava olhando os quadros de fotos dos meus parentes que havia na sala, fotos dos meus avós, tios e pais, todos muito sérios e bem arrumados, olhava especialmente para o quadro do meu irmão mais velho, com carinha de bebê. Hoje em dia ninguém mais faz daqueles quadros.

No sítio não havia água encanada, como nos dias atuais, nem energia elétrica. Tínhamos que acordar muito cedo para pegar água no barreiro, espécie de depósito pequeno que armazenava água, e à noite usávamos candeeiros. Quando era noite de lua nova, aproveitávamos a claridade para brincar de pega-pega, esconde-esconde, e as pessoas mais velhas tinham o costume de sentar-se em frente das casas para conversar sobre plantações de feijão, algodão, sobre as chuvas, criações de porcos, galinhas e capotes, e também para rezar. A vida não era fácil, porém vivíamos muito felizes.

Comecei a estudar muito tarde. Gostar até que eu gostava, mas como meu pai era agricultor, pobre, e trabalhava na roça para manter o sustento de toda a família, tínhamos que ajudá-lo, já que éramos sete filhos e todos dependendo do trabalho do nosso pai. Assim, aos sete anos, comecei a trabalhar na roça, o que era um costume na região. O trabalho era pesado, precisava de muito esforço, pois tínhamos que carregar sacas e mais sacas de algodão e feijão nas costas. Só descansávamos na hora do almoço, quando nossos irmãos traziam comida para nós. O almoço era simples – feijão, carne-seca e farinha –, mas guardo até hoje na memória o gosto daquela comida maravilhosa. Ninguém faz igual.

Já na juventude fui morar com a minha família na cidade mais próxima, Antenor Navarro. Era bem diferente do que é hoje, não tinha ruas calçadas, mercado grande, lojas, mas sim armarinho e bodegas. Uma diferença bem marcante entre aquele tempo e hoje é que podíamos comprar, deixando apenas a nossa palavra como garantia. Hoje isso é quase impossível.

No dia de São Francisco de Assis – 4 de outubro –, os moradores da cidade e dos sítios vizinhos vinham festejar, tanto na igreja, com as missas, como nas ruas. Eram feitas barraquinhas que vendiam artigos religiosos e comidas típicas, como bolo de milho, tapioca, mungunzá. E sempre havia uns trios de forró para animar a festa. Isso, sim, era festa animada! Sem violência, todos eram amigos, queriam apenas diversão. E foi numa dessas comemorações que frei Damião sugeriu que a cidade mudasse de nome, tornando-se São João do Rio do Peixe, nome que ficou até hoje.

Quanta coisa mudou desde aquela época! No sítio a casa já não é mais de taipa e atualmente quem mora são meus tios, preservando um pouco da história de nossa família. As pessoas não se reúnem mais em frente das casas para conversar como antes, passam o tempo assistindo à televisão. A cidade está mais moderna e as crianças já não querem mais brincar de pião, pipa, pega-pega – preferem videogame e computadores.”

Hoje o vento bate no pé de juá e uma folha cai no chão, do mesmo modo como uma lágrima de saudades corre no rosto do saudoso sr. José.

*(Texto produzido com base na entrevista com José Santana, de 50 anos.)*

## De lá pra cá

Aluna: Rayane Teixeira da Costa

Regeneração é o lugar em que nasci e continuo vivendo até hoje.

Recordando a minha infância, percebo o quanto as coisas estão diferentes. Não se vêem mais as crianças brincando de roda, com bonecas de pano ou escutando as fascinantes histórias de trancoso – é a tecnologia com seus benefícios e suas exigências.

Paro e observo o quanto a minha cidade mudou. Ah, aquela ladeira que por tantas vezes me fez derrubar a cabaça em que levava água do riacho para casa e que, por isso, sempre voltava chorando, pois já sabia que o cipó esperava por mim! Hoje essas coisas não acontecem mais por aqui em virtude da construção da ponte e da água encanada nas casas.

Lá pelos anos 1940 eu ouvia a história contada pelos mais velhos sobre a imagem de São Gonçalo – padroeiro da cidade –, que, por ser emprestada pelo município vizinho, a noite era devolvida para lá; porém, quando amanhecia, cá estava ela, na nossa igreja, sem que ninguém a trouxesse. Eu ouvia tudo sem pestanejar e com o coração acelerado, pois o que para muitos era milagre, para mim era assombração. O fato era contado com muito orgulho pelos moradores daqui, pois isso demonstrava a “preferência” do santo. Talvez seja por esse motivo que ainda hoje exista uma certa rivalidade entre os municípios de Regeneração e Amarante.

A igreja daquele tempo não parecia em nada com a de hoje, era uma simples casa, com alguns assentos onde os fiéis fortaleciam a sua fé.

Lembro ainda os sábados (costume que ainda existe) quando ia ansiosa com meu pai fazer compras na feira onde hoje se encontra o mercado público da cidade. Naquele tempo havia apenas alguns vendedores com seus caixotes de couro, trazidos das lavouras nos lombos dos cavalos e burros – únicos meios de transporte do lugar na época.

Os animais eram amarrados nas cercas ao redor da feira, o que deixava o local impregnado de um forte e desagradável odor de fezes e urina. Hoje aquele espaço foi transformado em um estacionamento de carros e motos, e o cheiro que se tem, também desagradável, é o de gasolina.

Com o passar dos tempos e com as novas construções, a vila foi tomando forma de cidade. Os caminhos estreitos foram cedendo lugar às belas ruas de agora. Os terreiros – era assim que se chamava o lugar em frente às casas – foram cobertos pouco a pouco pelos calçamentos.

Jamais esquecerei esses acontecimentos que são minha história, mesmo que os anos insistam em apagá-los.



## Minha história... Minha vida

Aluna: Ingrid Lamel

Quando começo a me lembrar da minha infância e da vida em família, as memórias trazem sentimentos de alegria, saudade e muita emoção. Essas lembranças são de um tempo de costumes, crenças e realidades diferentes dos de hoje em dia.

Meu avô, Augusto Tramontini, quando chegou ao nosso distrito de Toledade, em 1910, foi um dos primeiros moradores do Passo Espumoso. Ele abriu um armazém de secos e molhados – era um casarão de dois andares, feito de madeira. O núcleo da Vila Espumosa se concentrava nessas proximidades.

Esse armazém me traz várias lembranças: eu tinha apenas 7 anos, me recordo dos caramelos e mandolates – doce puxa-puxa – feitos por minha avó, sendo comercializados por ela e meus tios. Eu adorava quando minha mãe e meu pai me traziam, aos domingos, juntamente com meus irmãos, às missas do monsenhor, rezadas em latim. Depois visitávamos a vovó Isa: não conheci meu avô, pois ele faleceu quando minha mãe ainda era uma criança, tinha apenas 13 anos.

No armazém, vendiam-se muitas coisas. Naquele tempo, não havia produtos embalados, eram guardados soltos em tuias – grandes caixas de madeira – e vendidos a quilo em um papel de embrulho. Os produtos chegavam do interior – da colônia – ou de Porto Alegre. Eram tecidos em metros, querosene para alimentar os lampiões. Às vezes as mercadorias encomendadas levavam até trinta dias para chegar de Porto Alegre.

As chuvas, nas estradas de chão batido, causavam muitas dificuldades ao transporte. Lembro-me do cheiro que havia ali. Era uma mistura de fumo em corda, salame, tecidos... Ah, que saudades!... No casarão funcionava também a casa de moradia. No segundo andar da casa, ficavam os dormitórios, quantos bem arejados, camas de madeira e colchões de palha. Havia uma escada de madeira, que eu adorava subir e descer. Eram vários cômodos, pois a família era grande.

Guardo na memória todos os anos em que vivi ali. Em especial, um momento de angústia e tristeza, quando meu pai teve a febre do tifo, lembro-me disso como um momento de dificuldade, pois minha mãe trabalhava sozinha na roça,



enquanto eu cuidava dele, de minhas duas irmãs e, no fogo no fogão a lenha, o feijão que ficava cozinhando... Era um fogão de barro com uma chapa de ferro em cima, as lascas de lenha eram grandes e grossas para manter o fogo e o calor por mais tempo... Eu tinha apenas oito anos.

A agricultura era uma prática de muito esforço e trabalho. Produzia o sustento da família, que ficou mais ou menos oito anos no povoado. Meu pai trabalhava em curtume, perto do rio Tigreiro. Depois, fomos morar na comunidade do Barro Preto, também interior do nosso distrito, onde meus pais criaram todos nós, doze filhos. Nessa comunidade, as famílias que viviam ali esperavam sempre com alegria a visita do monsenhor, que chegava com sua aramba, transporte puxado por um cavalo, usando uma botina preta e um chapéu. Ficávamos felizes, e minha mãe gostava que tudo estivesse bem organizado para que ele desse a bênção na casa.

Penso que atualmente os pais sentem dificuldades em criar seus filhos com valores e limites. No meu tempo de guri, nós trabalhávamos bastante, valorizávamos o pouco que tínhamos e cultivávamos os valores que aprendíamos com nossos pais. Por isso, hoje, com 74 anos, vivo feliz com minha família e meus netos, que sempre querem saber como foi minha infância, a minha caminhada de vida, as minhas raízes.

*(Texto escrito com base na entrevista realizada com Aulê Tramontini do Amarante, de 74 anos, avó de Ingrid Lamel.)*

## *As coisas mudam!*

Aluna: Josemária Patrícia Cunha da Costa

Eu morava em Caxias, no Maranhão. Lá conheci meu esposo e vim com ele para Natal, Rio Grande do Norte, aos 20 anos, pois ele tinha um pedacinho de terra, no qual havia uma casinha simples de taipa (casa feita de madeira e barro). Esse nosso singelo espaço localizava-se às margens do rio Potengi, denominação que, futuramente, também deu nome ao nosso atual bairro.

Vivíamos da agricultura, um dos meios mais comuns de trabalho naquela época, além da pesca no rio Potengi. Lembro-me de que as crianças tomavam banho e brincavam nas águas limpas e doces desse rio, mas hoje isso não é mais aconselhável, há muita poluição, chegando a comprometer nosso manguezal. Havia também pessoas que viviam da venda de frutas, hortaliças, leite, e outras criavam animais.

Aqui não existia luz nem água encanada. Todas as manhãs nós tínhamos que ir até as cacimbas; quando chegávamos, à noite, acendíamos o candeiro (utensílio feito de lata que apresentava asa e pavio para combustão do querosene) ou então fazíamos fogueiras e íamos para a varanda olhar a lua e as estrelas.

Logo que cheguei, não havia escolas; depois de algum tempo formou-se, gradativamente, a primeira, que até hoje ainda existe, a Escola Municipal Professor José do Patrocínio Pereira Pinto, fundada em 1977, mas, segundo depoimento de uma das professoras mais antigas dessa escola, a professora Maria do Socorro Pinheiro, antes de 1963 houve a escola radiofônica através do Movimento de Educação de Base (MEB), depois extinto com a repercussão da ditadura militar. Nesse depoimento, houve o esclarecimento de que a campanha “De pé no chão também se aprende a ler” possibilitou o funcionamento da nossa primeira sala de aula, num galpão da Penitenciária Dr. João Chaves – presídio construído em 1953, desativado e demolido recentemente para a construção de um complexo cultural. Essa sala de aula passou a ser conhecida como Escola Isolada Nossa Senhora de Fátima, semente inicial da Escola Patrocínio.

As jovens eram diferentes, gostavam de festas folclóricas (ligadas à cultura popular), meios de diversão, geralmente, ensinados pelos pais, as amizades eram sinceras e verdadeiras, os namoros, bastante vigiados. A violência existia em menor proporção.

Com o passar dos tempos, a quantidade de casas foi aumentando, começaram a surgir os conjuntos habitacionais, e passamos a ter água fresca nas nossas casas, já que a chegada desses conjuntos exigiu providências nesse aspecto.

Os meios de deslocamento urbano, que antes se limitavam ao trem, foram ampliando-se para o transporte rodoviário; aos poucos, os comércios pequenos foram aumentando, o saneamento básico chegou, as ruas foram sendo calçadas, a quantidade de escola aumentou e, em conseqüência, o nível de analfabetismo diminuiu.

Hoje o bairro Potengi está mais assistido, as ruas têm iluminação, temos postos de saúde, hospitais públicos, vários supermercados, uma grande e bonita ponte que liga a zona norte da cidade à zona leste. Está tudo muito diferente do que era há quarenta e cinco anos, quando cheguei aqui.

*(Texto escrito com base na entrevista realizada com Maria das Dores Dias Aires, de 65 anos, moradora do bairro Potengi, e no depoimento da professora Maria do Socorro Pinheiro, que, por ter um certo envolvimento nas causas sociais, foi presa momentaneamente no período da ditadura militar.)*

## *Um mundo dentro de mim: reflexos de uma memória*

Aluna: Pedrina Patrícia de Aquino

O lugar onde passei minha infância é sempre rememorado com muita emoção. Foi lá que vivi os melhores momentos inocentes de criança. Ah, como foi gostoso viver naquele tempo! Era um ambiente simples e aconchegante. Não tinha luxo nem mordomia, assim como todos do sítio Juazeiro. A casa própria era um sonho de papai e mamãe, realizado muito tempo depois. Éramos meeiros – pessoas que repartem o que plantam com o dono da terra –, mesmo assim éramos felizes e contagiávamos todos com a nossa felicidade.

Naquele tempo, quando chovia, eu e meus irmãos ficávamos ao redor de mamãe, única protetora, procurando um lugar onde as goteiras – brechas no teto por onde pinga água – não nos molhassem. O chiado da chuva no teto, o clarão do relâmpago que iluminava a todos no valentão da noite e o estrondo do trovão faziam-nos cada vez mais unidos à procura de proteção. Ao clarear do dia, guiados pelo cheirinho gostoso do café que só a mamãe sabia fazer, ouvíamos o canto dos pássaros e percebíamos, com alegria, que a noite fora vencida.

Naquela época, o acesso à escola era muito difícil. Primeiro, no meu torrão – lugarejo onde mora alguém – só existia uma professora, e pegar vaga para estudar era na sorte; segundo, como filha mais velha, precisava trabalhar na roça para ajudar no sustento da família. Sorte eu tive; todavia, era preciso sair do roçado com hora de aula, já que a broca – roça de que se corta a mata virgem e queima – ficava distante do vilarejo onde se localizava a escola e papai não me liberava cedo. Saía do roçado correndo, passava por um riacho que ficava no caminho de casa e ali mesmo tomava um delicioso banho, e que banho... Sem sabão ou sabonete, chita por chita, e ia para a escola. A professora era excelente, claro! Quando gritava, estremezia o quarto que servia também como depósito de algodão. Alunos misturados com “piolho de algodão”. Que lembrança...

O tempo foi passando devagar... Quase parando. Os caminhos foram se tornando estradas carroçáveis e as estradas se transformando em pistas asfaltadas. As marcas feitas nas árvores deixavam de existir, pois estas se transformaram em carvão para as cerâmicas da vida. Ignorância humana.

Desde então passei a desacreditar no homem. Não pelo fato de não fazer algo relevante para o semelhante, mas pelas modificações desnecessárias da minha singela alma sertaneja.

Atualmente, a simplicidade singular do meu sertão foi trocada pelas complicações da vida moderna. A escola está mais acessível, mas as pessoas, menos interessadas. A exuberante natureza de então transformou-se em cinzas. De lá pra cá, trago uma certeza: enquanto houver história para se contar, as minhas memórias se fortalecerão nas mãos de algum escritor, pois aqui não é o final, mas o início de um recomeço.



## Contos que conto

Aluna: Bruna Queiroz Rosa

Sempre que me perguntavam o que mais gosto de fazer, digo que é relembrar os fatos de minha vida, contando-os para meus netos.

Então começo falando da época que mais marcou minha vida...

Foi em 1986, quando, com mais quatro famílias, em um pau-de-arara – caminhão coberto por uma lona, usado no transporte de pessoas –, viajamos por três dias até chegar à cidade de Alta Floresta D'Oeste, no Estado de Rondônia, onde todos tinham um único objetivo: conseguir terras para morar.

Quando chegamos aqui, através de muito esforço, conseguimos um pedaço de terra para começarmos uma vida nova. Oito filhos para cuidar! Tudo era muito difícil e precário. Como não conhecia aqui, tinha muito medo de animais selvagens que poderiam agredir a mim e a minha família.

Quando íamos à cidade, pegávamos carona nos caminhões de tora. Nos dias de chuva, era complicado, ficávamos molhados, sem falar da lama na estrada.

Na cidade havia poucos comércios, apenas algumas lojas, mercados e um hospital. Recordo que para trazer as compras feitas no mercado usávamos o cacão – bolsa de tecido utilizada nas costas, amarrada na cintura –, dentro dele continha tudo o que iríamos usar durante seis meses.

Enquanto meus filhos estudavam, ficava em casa cuidando dos meus afazeres domésticos ou na colheita, pois nossa terra era bastante fértil.

Naquela época, as pessoas eram mais unidas. Durante a noite os vizinhos se reuniam para conversar. Falávamos de tudo, colocando as fofocas em dia.

Nas noites escuras, para iluminar nossa casa, tínhamos apenas algumas lamparinas, um lampião, a lua e as estrelas, que representavam nossos sonhos. Às vezes, após as conversas, algumas pessoas dormiam em minha casa.

Atualmente é muito diferente. Temos muitos vizinhos, porém, mesmo morando um ao lado do outro, mal nos conhecemos. Percebo também muitas mudanças no clima. Penso que é devido às grandes derrubadas e queimadas de partes da floresta.

Nossa! Ainda me lembro de cada entardecer... As crianças brincando no córrego, tudo muito simples, mas uma coisa de muito valor para mim.

Neste mesmo córrego pegávamos os peixes com rede, eles faziam parte da nossa alimentação, que era preparada em fogão a lenha.

Nos finais de semana, íamos à igreja fazer nossas orações e agradecer a Deus a vida tranqüila. Às vezes marcávamos um dia para fazer uma festa, onde realizávamos um bingo para jogar. Não concorria a nada, mas era muito divertido...

O tempo passou, meus filhos cresceram e hoje estou aqui junto dos meus dezessete netos, contando e recontando as lembranças de minha vida.

*(Texto baseado na entrevista feita com Otelina Pereira da Silva, 68 anos, dona de casa aposentada, moradora de Alta Floresta D'Oeste desde 1986.)*



Professora: Ana Maria Favetta Queiroz Escola: E. E. E. F. M. Padre Ezequiel Ramin  
Cidade: Alta Floresta D'Oeste – RO

## O longo tapete de ferro

Aluna: Jaciele Fernanda de Carvalho

Nunca me esqueço daqueles tempos, em minha cidadezinha singela, em suas ruas animadas, humildes, cheias de brincadeiras, e as casas construídas de taipa – com barro e madeira –, a minha voltada para a estação, o que dava a chance de acordar com o som do trem como uma linda sinfonia e a oportunidade de levar com ele meus sonhos de menina. São essas simplórias coisas que marcaram minha infância.

Recordo a antiga estação de trem, que na época era o povoado de Engenho Garra, mais conhecida com Rua da Estação, porque antigamente funcionavam máquinas com vagões. Os seus arredores de terra batida – o barro fazia um lameiro de atolar –, com suas luzes que eram trazidas pelos postes de iluminação da barragem do Garra. Muito antes da luz elétrica, as luzes eram feitas com cano de bambu, gás e pavio de candeeiro. Antigamente também havia automóvel de linha com suas cores chamativas, vermelha e verde. Fazia o transporte dos viajantes a maior máquina da estação, que se chamava Alemã e era manobrada pelo sr. Manoel Pé de Serra, ela era a mais freqüentada na virada do ano, os moradores iam festejar na Usina União e Indústria.

Todos os dias ao amanhecer, as crianças que lá residiam acordavam com o barulho do trem que produzia ao desfilar sobre seu longo tapete de ferro, fazendo com que uma alegria pairasse dentro de mim, e nos reuníamos para ver o transporte da cana-de-açúcar. Muitos levavam um sonho na mente, gostariam de viajar sobre os trilhos daquele trem e ver os verdes das matas ficarem para trás. Eles tinham, assim como eu, a vontade de ser iguais àqueles trabalhadores que saíam cedo de suas casas para fazer o transporte de cana-de-açúcar, que era trazida dos engenhos pelos burros de cargas até a estação ferroviária, da qual seguiam para a Usina União e Indústria.

A plataforma da estação também servia de espera para os bondes que transportavam os alunos da Usina União e Indústria que vinham toda noite para o Colégio Dom Luís de Brito. Enquanto esperavam o bonde lotar, as meninas da época aproveitavam esse tempinho e ficavam ao lado dos bondes de namoricos ingênuos, bem diferentes dos namoros atuais.



As marcas do tempo transparecem em meu rosto e percebo que muitas coisas mudaram. Os sonhos foram ficando para trás e junto as lembranças. Hoje já não existe mais estação de trem. Vieram pessoas e construíram casas, campo de futebol, e a Praça Sertaneja. Hoje, a avenida da antiga estação de trem recebeu o nome de Avenida José Osório. Conheci de perto boa parte da humildade e simplicidade daquela vida, que devemos amar como se não houvesse amanhã e aprendi que a beleza da vida está na singeleza das coisas.

*(Esse texto foi escrito com base na entrevista realizada com dona Maria José Santos Medeiros, de 54 anos, bibliotecária da escola, e dona Alaíde da Silva, de 74 anos, moradora da mesma localidade há quarenta e quatro anos.)*



Professora: Prisciana Renata Galvão da Silva Escola: E. M. São José da Boa Esperança Cidade: Amaraji – PE

## Lavras de tesouros da infância

Aluna: Agatha Carvalho Silva

Basta observar as brincadeiras de meus netos para despertar um passado repleto de magia, um passado recheado de alegria e coberto pela natureza. Era a terra fértil que fazia a alegria numa época distante. É lá, no meio da poeira vermelha, em liberdade, que vive a fonte dessa história, que a partir de agora vai minar.

Eu moro no Lavras. Ele tem esse nome porque dizem que aqui já existiu lavra de ouro, um lugar humilde da periferia da cidade de Guarulhos. Aqui moram pessoas muito simples e tem muita gente do Nordeste.

Quando eu vim para cá, dezenas de ruas eram sem asfalto, não tinha esgoto, tampouco água encanada. Só existia uma escola, em que hoje meus netos estudam. Nos terrenos vazios havia plantações de milho e cana, e tinha também uma lagoazinha que, apesar de pequena, despertava os sonhos e a imaginação de menina: eu, Hilda, era sereia, peixe, princesa; ali eu dava muitas gargalhadas.

Pegava uma laranja no pé e com minha parceira de aventura, a Jurema, brincávamos de laranja-peteca, era superdivertido! Hoje a lagoa foi aterrada e o espaço, ocupado por uma linda e nova escola.

Fecho os olhos e vejo uma pequena casinha branca no meio de uma grande mata, onde atualmente há um supermercado, pequenos sacolões transformaram-se em lojas de utilidades e muitas casas, em comércios.

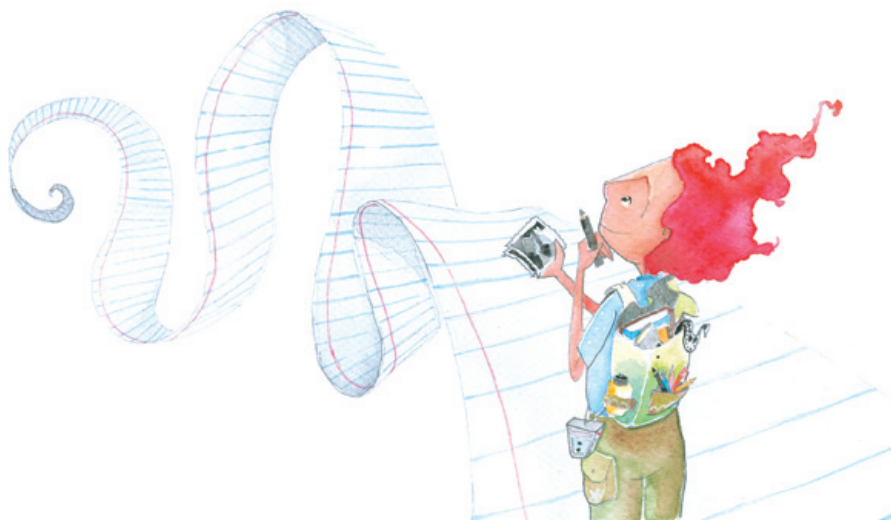
Recordo-me de quando andava no meio das plantações da Estrada das Lavras, hoje Estrada de Itaberaba, à procura de espigas de milho e folhas de bananeira; os tijolos fabricados nas olarias dos arredores serviam como mesa e cama para as bonecas; enfim tudo o que era capaz de inventar.

O tempo passou, o bairro cresceu, cresceu a passos largos, apesar de humilde e carente, tem a colaboração dos pais de família que trabalham duro; as donas-de-casa fazem a reciclagem, que, além de gerar um dinheiro a elas, colabora para a preservação do meio ambiente, a limpeza do bairro e o crescimento da nossa cidade.

Aqui tudo é alegria. Na rua, aonde for, os valores humanos são diferentes, a cultura é rica e o povo, solidário. Longos anos de sofrimento nos fizeram valorizar os resultados das grandes conquistas de homens simples e trabalhadores.

O tempo passa, meus netos estão crescendo, e nós tentamos extrair do Lavras o que ele tem de mais valioso, que é o desejo de ver seus filhos crescerem num lugar de paz, sem violência, irem à escola e tornarem-se gente de bem.

*(Texto escrito com base na entrevista feita com Hilda da Silva Santana, de 62 anos, dona-de-casa, moradora do bairro Lavras há 58 anos.)*



## A mirabolante roda-gigante

Aluna: Fernanda Rodrigues

Em uma praça tranqüila, com ladrilhos coloridos em mosaico revestindo o chão, onde o silêncio só era quebrado pelo canto dos pássaros, pelo ruído do vento que batia nas folhas das árvores mais sobranceiras, estava eu sentada sobre um velho banco de madeira, quando uma senhora simpática perguntou-me se poderia me fazer companhia. Sem muito pensar, balancei a cabeça e concordei.

Apresentamo-nos e posteriormente começamos a conversar. Enquanto ela fazia seu crochê, eu viajava pela bela história que ela me contava...

“Na minha juventude, quando eu tinha mais ou menos a sua idade, eu e meus irmãos costumávamos vir nesta praça. Mas isso só nos finais de semana, porque durante a semana a vida era dura. Acordávamos cedo para ir à escola. Quando chovia íamos de tamanquinho, mas quando fazia sol percorríamos os dois quilômetros até lá de pés descalços. Quando a aula acabava íamos direto para casa; afinal, havia muito que fazer. Enquanto os meninos capinavam, colhiam fumo, cuidavam dos animais, nós, meninas, costurávamos, fazíamos pão, rosca, lavávamos roupas e louças. Não existiam férias. Mesmo que a escola nos desse dez dias para descansar, em casa tínhamos que trabalhar em dobro.

Com isso você pode perceber que, naqueles tempos, o final de semana para nós era uma festa. Muitos jovens vinham a cavalo de todos os cantos do município para trocar lorotas, tomar sorvete e ouvir um belo som. Som esse que vinha da rádio que existe até hoje em nossa cidade, mas não se localiza aqui na praça.

Infelizmente tínhamos que deixar a praça de lado algumas vezes. Foi o que aconteceu num certo dia quando eu e minha família resolvemos prestigiar o aniversário da cidade de Estrela.

Um galpão velho de madeira, enfeitado com fitas coloridas; era dali que vinha o som maravilhoso que nos atraía.

Lá dentro encontrei muitas amigas, familiares, e quase todos eram meus conhecidos, afinal em uma cidade pequena era normal que todos se conhecessem. A festa estava tão boa quanto as anteriores. As mulheres estampavam sua beleza nos vestidos longos e abotoados, que elas mesmas costuravam em casa. Os homens, regados de muita folia, perdiam seu tempo discutindo sobre política,

e as crianças dançavam alegremente ao som do realejo e do gramofone. De repente a música parou e um senhor anunciou com muita empolgação. 'Venham, venham todos, venham ver a novidade do momento, a primeira roda-gigante da região'.

Sem perder tempo, corremos todos para fora. Quando olhei para 'aquilo', meu Deus! Uma sensação de medo misturada com uma imensa curiosidade me deixou paralisada. As luzes coloridas que a enfeitavam deixaram meus olhos cheios de encanto e de lágrimas, mas lágrimas de felicidade. Nunca havia visto uma coisa tão maravilhosa! Como aquilo podia girar e ao mesmo tempo nos levar para as alturas? Como ela teria sido feita? Qual a sensação lá do alto? Eram milhares de perguntas rodeando meu pensamento. Minhas amigas insistiram para que eu andasse, mas preferi ficar só olhando. Na verdade, não tive coragem o suficiente para andar e por isso me arrependi mais tarde...

Naquele dia, à medida que a lua ia chegando, a música parando, as pessoas voltavam para suas casas, pois na manhã seguinte todos teriam que trabalhar para o sustento da família.

Sei que hoje, para vocês, mais jovens, e até para nós, mais velhos, uma roda-gigante não é algo tão surpreendente, mas lembro-me bem daquele momento que ficou marcado no meu pensamento e no meu coração."

O sino da igreja tocou. Aquela senhora se despediu de mim e se dirigiu à igreja.

Fiquei mais alguns minutos sentada naquela praça pensando na história daquela senhora. Cheguei à conclusão de que eu moro num lugar muito bem preservado, que cultiva nos seus antepassados as boas lembranças, as origens, que a nós são repassadas. Essas permanecem na história e tornam significativo o nosso lugar de viver. Estrela, minha cidade, mesmo tendo poucos habitantes, sendo um local sem universidade e sem grandes indústrias, é o lugar que eu escolhi para morar. Esta Estrela não brilha no céu, mas brilha dentro do meu coração.

*(Texto escrito com base na entrevista realizada com Nayr T. Barth, de 76 anos, aposentada, Estrela – RS.)*

Professora: **Anelise Barth** Escola: **E. E. B. Vidal de Negreiros** Cidade: **Estrela – RS**

## *Do distrito à capital*

Aluno: Arthur de Souza Santos

Cheguei ao distrito de Taquaruçu, minha querida “taboca grande”, ainda muito moço, mal contava 16 anos de vida. Filho de pais separados, vim com minha mãe e irmãs para lutar pela sobrevivência. Aos 7 anos já campeava sozinho por essas veredas, sentindo o aroma do campo e o cheiro da terra.

Ao contrário de hoje, acordar cedo naquele tempo era sinal de respeito. Ainda escuro, me embrenhava no curral para tirar leitequentinho, direto da teta da vaca. Depois, ia orgulhoso para a roça. No meio do milharal e do arrozal me sentia um gigante. Sabia que um dia iria ser gente importante: estudar, crescer, ajudar o meu lugar!

Sabia que era o homem da casa e mesmo após um dia inteiro de labuta ainda achava tempo para ajudar minha mãe na cozinha. Nesse tempo já era um homem, ao menos na responsabilidade.

Apesar do trabalho pesado, na escola me sentia confortado. A professora era a moça mais querida da cidade, muito educada, paciente, a letra redondinha, até parece que passava um. E foi assim, por causa dela, que hoje sei ler e fazer as quatro contas principais.

Fora o trabalho e a escola, ainda aproveitávamos o tempinho que nos restava para brincar nos terreiros. A brincadeira preferida era a rodinha. Cada dia era na casa de um.

A iluminação das poucas casas era só através da lamparina que era feita com latas de óleo vazia. O pavio era de algodão, torcido e embebido em óleo de mamona. A luz era fraca, mas dava para iluminar nossas noites, nossos sonhos, nossas histórias... E que histórias!

Era nas noites “truvas”, vigiados pelos cantos dos grilos e pelo brilho das estrelas, que elas, as histórias, teimavam em fuxicar: de moça namoradeira, de curupira e lobisomem não sabiam aonde iam parar; de amor, de terror e mistérios insistiam em nos assustar, mas homem valente feito eu, de nada valiam, só mesmo para escutar!

Lembro-me de um tempo em que corria a notícia de uma tal “cobra grande” que assombrava as lavadeiras no brejo.

Naquele tempo eu era um homem respeitado porque sempre andava com meu cavalo de sela, arreio e cartucheira do lado, e também sempre tinha dinheiro para pagar o tocador das festas. Naquela época tinha a “cota”. Os moços de prestígio se responsabilizavam pelo pagamento do festeiro.

Nossas casas eram cobertas de palhas e as paredes, de taipa, tabocas amarradas e recheadas de um barro vermelho e liguento. Tenho orgulho em dizer que essas mãos já construíram quase todas as casas de Taquaruçu. Eu era como o João-de-barro, um incansável operário que trabalhou por quase trinta anos na construção civil, construindo muitos “ninhos”, participando de muitos sonhos.

Lembro-me como se fosse hoje: na época dos festejos de Nossa Senhora do Rosário o coração se alegrava ao ver a passagem do rei e da rainha dos festejos. Tempo bom aquele! Nesse período o caboclo parava para agradecer a Deus pela chuva, pelo grão, pelo pão. Na procissão não tinha vizinho, era tudo irmão!

Gosto de morar aqui no pé da serra, no meu sossego. Minha grande alegria é continuar a rever meus velhos companheiros, a prostrar nos terreiros, jogar conversa fora... falar das minhas lembranças, da minha terra, do meu povo!

O progresso da cidade grande fez muita coisa mudar: o que antes era só da nossa riqueza: babaçu, buriti e jatobá, hoje viaja o mundo inteiro e vai para o outro lado do mar. O distrito e a capital insistem em se misturar... Quem sabe um dia vire livro de verdade para muita gente escutar!

*(Texto baseado na entrevista realizada com João Alves de Oliveira, de 72 anos, morador de Taquaruçu, Tocantins.)*

## Uma história cheia de vida

Aluna: Catarina Celeste Duque

Desde pequenina eu sempre gostei de ouvir as histórias que minha avó contava sobre os fatos ocorridos em sua tenra idade.

Num dia desses, acheguei-me a ela e lhe pedi que me contasse como fora sua vida de menina.

“Nasci em Itatiba, na época em que as grandes plantações de café entravam em decadência e a indústria dos móveis coloniais já havia influenciado a cidade. A nossa casa ficava ali na esquina da Rua Comendador Franco, próxima à Igreja de Nossa Senhora do Belém, hoje a nossa basílica. Quando passo pelo local, sinto saudade. Gostaria de rever o antigo casarão, mas ele foi demolido há muito tempo e no lugar dele só vemos o terreno com muito mato. Ainda me lembro do cheiro de terra molhada das tardes de chuva.

A área de minha antiga morada era grande, espaçosa, cheia de árvores, plantas, flores. A casa era pequena, não havia muitos móveis, só os essenciais. Tínhamos, lá dentro, muitos sacos de milho para estourar e fazer pipoca. Havia também as sacas de amendoim, que debulhávamos e levávamos para vender. Isso porque meu pai tinha um carrinho de pipoca e ficava no jardim, onde, nos finais de semana, as famílias passeavam e os moços e as moças namoravam.

Sabe, os moços andavam de um lado, pela rua, e as moças, do outro lado, pela calçada, o que facilitava os flertes. Que tempo bom aquele! Foi assim que eu conheci Luiz, seu avô. Os rapazes podiam até oferecer músicas para suas amadas, porque havia uma cabine onde ficava um moço a anunciar a homenageada. O jardim, cuidado com esmero pelo sr. Pelegrino Sabatino Neto, tinha roseiras de dar inveja a qualquer um. Ai da criança que se atrevesse a mexer naquelas flores ou pisar na grama... Seu Pelegrino – que hoje já é nome de rua aqui no bairro – não perdoava!

Era eu quem ia com papai vender pipoca e amendoim no jardim. Meu pai conhecia todos os moradores de Itatiba, porque não tinha quem não passasse pelo carrinho do pipoqueiro depois das missas e durante os passeios. Uma pipoquinha sempre caía bem como oferta às namoradas, que ficavam felizes. Tenho saudade da simplicidade daquela época, hoje trocada pelo luxo, pela sofisticação e pelas exigências de consumismo.



Minha família era assim, rústica e humilde, simples de tudo e rica em muitos aspectos, principalmente quanto ao tempo. Dispúnhamos de um tempo enorme, hoje tão pequeno e passageiro. Acordávamos, íamos à escola, trabalhávamos e ainda podíamos brincar. Imagine que não havia carros, andava-se a pé, de charrete ou a cavalo. As estradas eram de terra, depois foram calçadas com paralelepípedos e muito tempo depois ficaram como são hoje, asfaltadas. Brincávamos de queimada, empinávamos pipa, nadávamos no ribeirão. A água limpa, cristalina. Ainda vejo as bolinhas d'água que se dependuravam nas folhas verdes. Pareciam pedras preciosas, com o bater do sol. Lembro-me do odor das árvores em flor. Que pena! Hoje só temos poluição. Nós, meninas, tínhamos bonecas feitas de palha de milho. Tudo era muito simples!

O tempo foi passando, casei-me com seu avô, tive meus filhos e foram surgindo meus netos. Nos últimos cinquenta anos muita coisa mudou... Você sabia que Itatiba teve estrada férrea? Vou chamar seu avô pra contar essa história."

*(Memórias relatadas por Eva Cândida Barbieiri Minutti, de 56 anos, nascida em Itatiba, SP)*



Professora: Jaqueline Suzana Martin Escola: E. M. E. B. Anna Abreu Cidade: Itatiba – SP

## Mato, barro e avião

Aluno: Lucas Bezerra dos Santos

Em fins de 1940, tinha 7 anos e já me considerava um homem, mas no fundo era um menino puro e ingênuo.

Naquela época eu adorava brincar com pião, de cabra-cega e futebol. Era um futebol sem regras. A bola era improvisada, feita em casa com jornais e papéis velhos, enfiados dentro de uma meia fina; o único objetivo era marcar um gol. Ah, bola de gude eu adorava, mas meu preferido era empinar papagaio.

Oh, tanta coisa posso contar-lhe sobre a minha infância!...

Nasci e fui criado em Guarulhos. Lembro-me de que quando era pequeno morava no sítio do meu pai, Miguel Fernandes Maldonado, que hoje é o nome da rua onde moro e onde fica a escola do bairro. Ele infelizmente já é falecido.

Esse sítio, lá pelos idos de 1940, em sua maior parte, era um brejo que cercava um morro enorme e belo onde eu brincava quase todos os dias...

Aqueles tempos eram impressionantes, as árvores altas e verdinhas. Era um lugar lindo, cheio de magia e beleza!

Ruas existiam muito poucas, e o que era brejo se transformou em uma rua asfaltada, cheia de casas, edifícios e automóveis.

No bairro só havia a casa de meu pai, que era muito simples e humilde, feita de pau-a-pique, o teto era de palha; dentro só havia apenas um fogãozinho a lenha que servia como aquecedor em noites frias de inverno. Luz elétrica não existia, o chão era de terra vermelha. Ah, como eu amava a minha casinha!

O morro era um dos lugares que eu mais adorava, pois era lá que eu brincava. Outrora verdinho, agora é cinza, marca das ocupações e resultado das queimadas... O rio que contornava uma parte do morro, antigamente de água pura, insípida, incolor e inodora, hoje em dia está poluído, sua água tem uma coloração escura e também um mau cheiro forte – é um esgoto a céu aberto, uma sujeira só! Mas ainda assim continua seguindo em direção ao inevitável... o rio Tietê, que, como ele, um dia já foi limpo! Quando no morro eu brincava, sentia uma ligeira impressão de que ele estivesse vivo e interagindo comigo... Era tudo tão lindo!

Numa tarde de verão, após uma chuva intensa, eu e meus amigos, sentindo o cheirinho de terra molhada e vendo aquela lama avermelhada, não resistimos e começamos a fazer uma guerrinha de barro. Foi muito divertido! Mas ao chegar em

casa a punição foi cruel. Tive que ficar ajoelhado sobre o milho quebrado... Senti muita dor e arrependimento por ter voltado todo sujo para casa! Os valores daqueles tempos, comparados aos de hoje, eram outros, muito mais rígidos e severos!

A escola era um castigo, era para poucos e qualquer mau comportamento era punição na certa. Quando a professora chegava perto de mim, o coração gelava e as pernas tremiam de medo por causa dos castigos! Após alguns anos fui forçado a deixar os estudos para trabalhar no sítio, e somente depois de adulto eu os concluí.

Quando tinha uns 10 anos, na maioria das noites dos fins de semana sentávamos em volta de uma fogueira, onde meu pai contava histórias de terror e suas memórias.

Enquanto conversávamos, mamãe cozinhava no fogão a lenha. Ah, uma delícia a comida que ela preparava! Hum, nunca provei tempero igual! Naqueles momentos, minha irmã sentava-se no chão e brincava de boneca, que era feita de sabugo de milho e retalhos.

O tempo passou e me tornei rapaz e vivia flertando... O namoro era recatado e vigiado!

E naquela época morar em São Paulo era supertranquilo. Com o passar dos anos veio a correria e Guarulhos se transformou em uma grande metrópole, com enormes edifícios e fábricas.

O que antes era deserto agora virou um amontoado de casas. Nos dias de hoje ainda posso sentar-me em uma cadeira de balanço, na calçada da rua, em noite quente de verão, pegar um álbum de fotografias antigas e, mergulhando no passado, relatar aos meus filhos e netos minhas próprias memórias, contando minha vida, meu passado...

São as histórias de um pai e avô que vive a relembrar...

Às minhas costas, no meu quintal, há uma grande janela que me traz de volta ao presente e me conecta com o futuro. É o Aeroporto Internacional de Guarulhos, dando-me lições de ir e vir, fazendo o meu pensamento decolar para outros sítios...



---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---